

tempo e **presença**

Publicação mensal do CEDI
número 160
junho de 1980

O PAPA ENTRE NÓS

Aconteceu

Uma síntese da viagem papal, seus pronunciamentos, seus gestos e sua repercussão nas igrejas do Brasil.
Página 11

Bíblia hoje

A criação de uma comunidade fraterna é a esperança que une tantos homens e mulheres na luta pela instauração da justiça entre nós.
Página 20

Última Página

Pedro, poeta Casaldáliga, bispo de São Félix do Araguaia, poetiza sobre João Paulo, Pedro apenas.



Editorial

A chegada do Papa ao Brasil foi precedida de uma série de expectativas e de questionamentos. Mobilizaram-se setores governamentais e eclesiásticos. Cada um — à sua maneira — buscava capitalizar a vinda do Papa polonês. Uma guerra de bastidores, enquanto a alegria ingênua do povo era o tônus marcante; afinal era o Papa que vinha ao Brasil.

João Paulo II — chamado João de Deus no Brasil — chegou no meio de tensões que toda festa provoca sempre pelo seu imprevisto. Seu primeiro pronunciamento, em Brasília, causou espanto e arrepios quando mostrou saber do Brasil e da sua Igreja mais do que pensavam os homens do Governo. Nem as artimanhas palacianas nem as da Nunciatura conseguiram evitar o limite claro colocado pelo Papa: "Venho a convite da CNBB e em visita pastoral". Fez questão de marcar distância para não ser utilizado pelo esquema montado pelos assessores da Presidência.

O mais interessante é que, nestes últimos séculos, é o primeiro Papa que a opinião pública chama pelo seu nome de família: Woityla. Curiosidade polonesa? Pensamos ser mais pela razão carismática da sua figura.

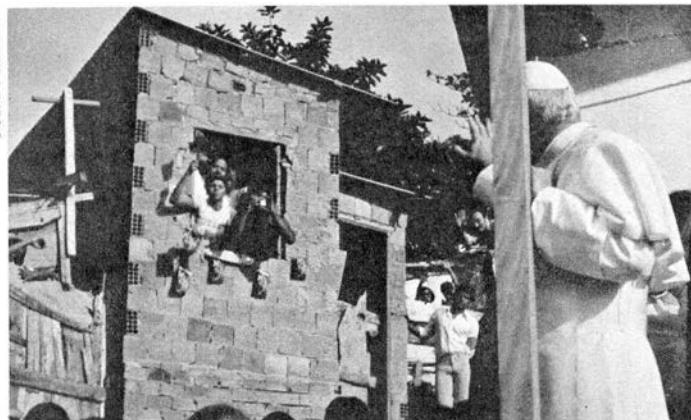
Sua personalidade catalisadora recebeu críticas de tentativas de "triunfalismo, autoritarismo e culto da personalidade". Sem dúvida alguma, Woityla atrai para si — como figura individual — as atenções do mundo através das suas maratonas internacionais.

Para uns, a esperança de um Papa humanizado como era João XXIII.

Para outros, a volta ao centralismo de um Pio XII na era da cibernetica e do raio laser.

Verdade é que ele está longe da angústia de um Paulo VI.

Pedro Martinelli



Favela do Vidigal: João Paulo entre os pobres de fato

Os setores protestantes reagiram de maneira diversa. Para as cúpulas as relações "ecumênicas" foram as mais oficiais e respeitosas possíveis dentro do recato diplomático. Para certos setores da base, uma descoberta de que o "Papa é protestante". Afinal, ele dissera claramente: "É Ele quem nos une com sua graça e quem, por seu santo Espírito, nos dá, a uns e outros, a força para proclamarmos diante do mundo, e publicamente, a Jesus Cristo como Deus e Senhor e único mediador entre Deus e os homens para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo". Para outros, um momento de jejum e oração para expulsar este tipo de demônio...

Para as massas, João Paulo II muitas vezes respondeu aos seus anseios de ouvi-lo falar de operários, dignidade humana, direito de participação popular, justiça, prioridade dos pobres. E foi delirantemente aplaudido a cada momento destes. Houve até quem declarasse que por esta razão o Papa era "socialista"...

João de Deus passou por aqui... e este número quer retratar uma parte da sua passagem. São comentários, impressões do povo, charges de humoristas e flashes da passagem de João Paulo II, o Papa Woityla.

**tempo e
presença**

Tempo e Presença
Editora Ltda.

Diretor
Domício Pereira de Matos

Coordenador
Paulo Cesar Loureiro Botas

Editor de Arte
Claudius Ceccon

Diagramação
Anita Slade

Artefinal
Martha Braga
Marcia Pinheiro

Equipe de Redação
Carlos Cunha
José Ricardo Ramalho

Conselho Editorial
Carlos Alberto Ricardo
Letícia Cotrim
Zwinglio Mota Dias
José Ricardo Ramalho
Carlos Rodrigues Brandão
Jether Pereira Ramalho
Eliseu Lopes
Henrique Pereira Júnior
Carlos Mesters
Beatriz Araújo Martins

Composição, Fotolito e Impressão
Editora Gráfica Luna Ltda.
Rua Barão de São Felix, 129 - Centro
Rio de Janeiro

Assinatura anual: Cr\$ 300,00
Remessa em cheques
pagáveis no Rio para
Tempo e Presença Editora Ltda.
Caixa Postal 16.082
22221 Rio de Janeiro, RJ

Publicação mensal
Registro de acordo com a
Lei de Imprensa

Documento

Antônio Augusto Fontes

O POVO, A IGREJA E O PAPA: A VISITA AO BRASIL

Herbert de Souza

Havia diferentes expectativas em relação aos efeitos da visita do Papa ao Brasil. De alguma forma todas as forças sociais esperavam poder interpretar a seu favor suas palavras e temiam pelo que viesse a ser dito. Mas neste sentido algumas forças temiam mais que as outras, e, de modo especial, os setores progressistas da sociedade e da Igreja Brasileira.

Os espetáculos das visitas em outras regiões do mundo, e particularmente no México, reforçavam tal temor: o Papa abençoava a todos, criticava os desvios de "esquerda" da Igreja, e deixava o status quo dormir tranquilo. No Brasil, pouco tempo antes da visita, uma tensão visível entre os setores progressistas da Igreja e o Governo: ao colocar-se ao lado dos grevistas da região industrial do ABC (São Bernardo, Santo André e São Caetano) em São Paulo, era nítida a intenção do Governo em abrir uma guerra política contra estes setores. Muitos acreditavam numa nova Questão Religiosa, a exemplo do que havia ocorrido, ainda no Império, com Dom Vital.

Temendo processar criminalmente o Cardeal D. Evaristo Arns, o Governo fabricou uma peça de acusação policial, encaminhada ao Ministro da Justiça, contra o Bispo D. Cláudio Humes, por apoiar e estimular os movimentos grevistas. Ao mesmo tempo buscava apoiar-se nos setores mais conservadores da própria Igreja para isolar os mais avançados, apostando na divisão da Igreja e no debilitamento da unidade da Conferência Nacional dos Bispos Brasileiros (CNBB), até então mantida.

Foi neste contexto que o Governo esperou confiante a visita como uma oportunidade de ganhar um grande aliado para sua estratégia: o Papa.

A Igreja brasileira, por sua vez, esperava o Papa preparada para a batalha das interpretações, na expectativa de presenciar grandes manifestações de massa, mas incerta sobre a



contagem final dos pontos, tanto em relação ao Governo, como em relação às suas próprias divisões internas.

O povo em geral simplesmente esperava ver o Papa aqui no Brasil, já que é tão caro vê-lo em Roma. Havia no entanto uma importante parcela da Igreja que não esperou a visita acontecer, preparava-se para ela, eram as Comunidades de Base.

Depois de doze dias de viagem, treze cidades percorridas, dezenas de discursos e das mais notáveis concentrações de massa jamais ocorridas na história brasileira, o Papa deve estar também agora preocupado em entender o que aconteceu consigo mesmo e com a visita. O País assistiu à concentração de um a dois milhões de pessoas em várias cidades e não seria exagerado dizer que mais de quinze a vinte milhões saíram às ruas para ver o grande Símbolo que passava ou falava. Seguramente a imagem do Papa foi vista por todos os brasileiros.

Um fenômeno de tais proporções, segundo alguns observadores, necessita ser interpretado sob diferentes ângulos, para se evitarem os esquematismos.

A primeira constatação a se fazer é que esta visita foi realmente organizada pela Igreja brasileira, não foi uma avalanche papal sobre uma igreja nacional. Ao contrário, foi a organização de uma igreja nacional que definiu onde, como e para quem o Papa iria falar e com quem estar. Tal organização refletiu as diferentes caras da Igreja brasileira, suas tendências e contradições: Em Brasília falou para o Estado e a comunidade, porém manteve, quanto ao Governo uma relação formal, fria e distante. Neste começo, o Papa deu um recado que foi ficando claro: estava com sua Igreja e não com o Estado.

No Rio, falou para um povo indefinido no aterro do Fluminense, para os presos comuns, para os favelados (cercados de um monstruoso aparato policial), para os intelectuais, e

A mensagem: a religião articulada com a transformação social

Fr. Leonardo Boff

Para captar a mensagem do Papa em seu registro próprio importa entender o que é pastoral. Repetidas vezes reafirmou que sua visita ao Brasil possui caráter pastoral. O Papa apresentou-se mais como pastor do que como sacerdote. Cabe ao pastor animar, confirmar na fé, fortalecer na esperança e dar orientações. O discurso é sempre religioso e ético, alimentado nas fontes que são as Escrituras cristãs, a Tradição e o ensinamento do Magistério pontifício. Ao dizermos que o discurso é religioso e ético não dizemos que não tenha referência ao social e ao político. Ele possui enorme incidência nestas áreas, como as reações populares deram prova. Mas o social e o político entra não quanto tal, somente enquanto, na perspectiva religiosa, se ordena ou se subtrai ao designio de Deus; ou na perspectiva ética, realiza ou não a justiça e a fraternidade entre os homens. O caráter pastoral não se restringe, portanto, a assuntos intra-religiosos ou ao

espaço sagrado; ele recobre todas as áreas e assuntos desde que contemplados sempre na ótica religiosa (ordenação a Deus) ou no enfoque ético (ordenação aos homens). O Papa insiste em pronunciar-se sempre a partir da identidade cristã sobre todas as realidades humanas. Esta identidade não é somente um conteúdo específico, próprio da fé cristã, mas é sobretudo uma atmosfera, um espírito, a forma que consiste em considerar as realidades todas à luz de Deus e dos critérios éticos. A tônica inegável em todos os pronunciamentos do Papa consistiu em mostrar que a religião além da sua direção direta a Deus possui uma dimensão de transformação e de mudança social na linha da justiça, da fraternidade, dos direitos humanos e da humanização da vida. Insistindo nisto o Papa liquidou uma vez por todas a acusação infundada de que a religião é ópio do povo ou legitimação de uma ordem na desordem. Martelantes e sempre de novo retomadas foram suas mensagens aos pobres e marginalizados do sistema social. Aos pobres não anuncia paciência, resignação e ajustamento, mas libertação, coragem

para assumirem seu próprio destino; aos ricos não prega assistencialismo ou doação de esmolas, mas conversão e solidariedade para com os esforços dos pobres; à violência nas relações sociais opõe o direito; e à luta de classes, a busca da justiça.

A estratégia do Papa não é propiciar as acusações de uns contra os outros: os ricos acusando os pobres por sua indolência e os pobres, os ricos por sua injustiça; nem legitima as oposições de uns e outros face ao Estado ou às relações Igreja-Estado. Para João Paulo II, mais importante é a busca comum do bem comum; confronta a todos com as exigências da justiça que deve ser construtiva.

Para isso convoca os pobres, os ricos, a Igreja e o Estado. Se observarmos bem, organiza tudo em torno do projeto dos pobres, porque são eles os principais sedentos e famintos de justiça. Não convida os pobres a sujeitarem-se ao projeto dos poderosos; ao contrário, pede a estes que se solidarizem com a causa da justiça dos pobres. É sintomática, neste sentido, a escolha da bem-aventurança segundo S. Mateus e não segundo Lucas: 'Bem-aventurados os po-

bres em espírito porque deles é o Reino do Céu'. São Lucas diz simplesmente: 'Bem-aventurados os pobres porque deles é o Reino de Deus'. João Paulo II sempre e em todas as vezes privilegiou a versão de S. Mateus. Com isso não quis 'espiritualizar' a pobreza; conserva-lhe o aspecto de 'advertência e denúncia', como disse na Favela do Vidigal, no Rio de Janeiro. Mas a versão de S. Mateus abre caminho para um convite também aos ricos que só se fazem herdeiros do Reino na medida em que se solidarizam com os pobres. A versão de S. Lucas possibilitaria a denúncia dos ricos, produtores da pobreza dos pobres. Isso facultaria a tarefa pastoral para com os ricos. A versão de S. Mateus os envolve também a eles e propicia somar forças mais do que dividir. Portanto, a justiça não está de um lado. A justiça está à frente de todos, e todos devem confrontar-se com ela, e juntos buscá-la. O que se pede é a superação das atuais relações sociais caracterizadas por uma profunda assimetria na direção de regras mais igualitárias e, por isso, mais justas.

as freiras. Finalmente, falou para a sociedade que a Igreja do Rio define como tal, composta de povo, pobres, presos, religiosos e a elite. Em Minas Gerais, falou para uma multidão que se transformou em Juventude. Falou sobre a Liberdade, e ouviu o povo gritar em coro: Liberdade!

Em São Paulo, falou para os operários no estádio do Morumbi, mas também ouviu um discurso do operário cristão Waldemar Rossi que denunciou a situação de dominação que opõe o povo brasileiro, lembrando o assassinato de vários mártires da luta operária. Falou para uma multidão no campo de Marte, lembrando um novo santo da Igreja brasileira, Anchieta.

Em Curitiba o Papa falou para o Brasil dos imigrantes e assumiu, de forma clara, a sua defesa, no exato momento em que o Governo ameaça a milhões de pessoas com o Estatuto do Estrangeiro.

No Nordeste, falou para camponeses, viu a miséria no Piauí concentrada em quatrocentas mil pessoas que lhe apresentavam uma faixa: "Papa, o Povo passa fome!". Frente a este impacto de um povo que lhe falava tão alto, o Papa mudou depois de dois séculos, o Padre-nosso: "Pai Nosso,... o povo passa fome"! Finalmente ouviu as denúncias de três líderes indígenas no Amazonas, em três discursos frente a frente, onde os representantes da maioria dizimada recla-



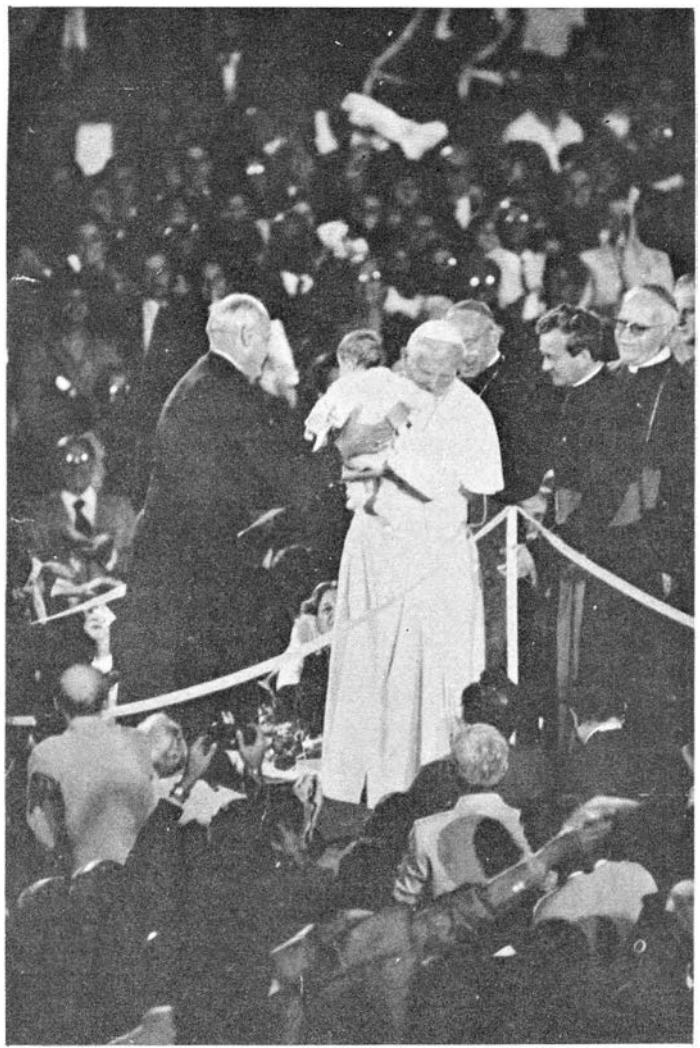
Pedro Martinelli



Pedro Martinelli

O reencontro de gerações: poloneses em festa

Waldemar Rossi, operário, é acolhido publicamente por João Paulo II



movam o direito de existirem e serem respeitados. Ao final do discurso o Papa perguntou se todas aquelas denúncias estavam escritas.

Finalmente o Papa se reuniu com a CNBB para dizer-lhes que eles haviam realizado um belo trabalho e que os apoiava e abençoava.

A leitura desta organização da visita revela os diferentes compromissos de uma Igreja que foi pouco a pouco se identificando com os oprimidos e se distanciando dos opressores, que não só organizou o povo para ouvir o Papa como também para falar ao Papa através de discursos, de gestos e de verdadeiros corais populares reivindicando e denunciando.

Esta é a diferença entre a visita do Papa ao Brasil e ao México, onde a avalanche papal se abateu sobre uma Igreja que talvez desejasse isso mesmo, um Papa imenso e um povo pequeno. A organização e os atores que foram colocados no cenário da visita também revelam as diferentes linhas de ação pastoral existentes na Igreja brasileira: a todas elas o Papa abençoou com discursos que podem ser lidos de diferentes maneiras, agradando tanto aos conservadores e moderados, como aos setores mais progressistas. No balanço final pareceria que estes últimos estiveram mais presentes, fizeram o povo falar mais alto e forçaram o Papa a escutar mais o clamor dos oprimidos. Foi visível a forma

como o Papa foi gradualmente entendendo e escolhendo as palavras que o povo queria escutar, e, nestas palavras, colocava a ênfase de um entendido em grandes comícios populares: Justiça social, liberdade, a Igreja dos Pobres.

A segunda constatação importante é que esta relação entre povo, Igreja e Papa foi de tal modo marcante que acabou por excluir da festa a um ator importante que desejava estar presente: o poder político, o Governo. Perguntado sobre o que havia significado a visita do Papa em relação ao Governo um chofer de táxi de São Paulo resumiu o óbvio: o Governo desapareceu!

Segundo um jornalista (Jornal do Brasil) o General Golbery, chefe da casa civil do Presidente Figueiredo, e um dos principais estrategistas do Governo, teria comentado sobre a visita: "Aconteceu o imprevisto!"

Isto é, não aconteceu o que o Governo havia previsto: a possibilidade de capitalizar a avalanche papal no sentido de neutralizar a Igreja brasileira e particularmente os seus setores mais avançados. O Governo se contentaria com uma reprevação, mesmo que indireta, que pudesse ser dirigida ao Cardeal de São Paulo. O Papa não só não o reprovou, como foi abraçado e abraçou um dos operários da igreja de D. Paulo Evaristo Arns. O imprevisto também foi a presença do povo na visita: as "ovelhas" gritaram ao seu pastor... palavras que o Estado não permite que sejam ditas pela rede nacional de televisão: Nossos irmãos foram mortos! nossas terras foram tomadas! nós passamos fome! liberdade! justiça!

E como parar estas frases no meio? como censurar as transmissões diretas? como calar milhões de vozes?

Como não estar descontente com este Papa e esta Igreja que se transformam, querendo ou não, conscientes ou não, em veículos de tais vozes e tais gritos?

Outra ausência importante desta visita foram as classes patronais, empresariais: a industrialização do Papa tão evidente na visita ao México, feita pelos bancos, grandes empresas, agências de publicidade, não ocorreu no Brasil. Havia povo demais para estes setores se sentirem à vontade. O Papa não falou para os empresários, os patrões brasileiros católicos ou não. Não porque se recusasse, pois haveria lugar também para eles em discursos tão ecumênicos que os Papas sabem fazer, mas talvez porque tais atores se sentem tão representados pelo Estado, e tão pouco pela Igreja, que ficaram esperando pela mediação do Governo, a qual finalmente fracassou. Ficaram com o Estado e perderam a chance de disputar as palavras do Papa.

A rigor se os gestos da visita podem ser lidos mais num sentido popular, as palavras do Papa podem ser lidas de acordo com os ouvidos e interesses de cada um: as frases podem ser destacadas do contexto geral para a direita e o centro, ou a esquerda. Porém há quem afirme que mais importantes que as frases são os gestos; mais importante que os gestos foi o povo; mais importante que o Papa foi a Igreja brasileira; e mais importante que tudo isso foi a fantástica mobilização de milhões de pessoas em torno de uma Esperança!

O Papa finalmente tomou o seu avião e voltou para Roma. Deve estar refletindo, como todo mortal, sobre o que aconteceu. Afinal ninguém vive impunemente uma experiência como esta, ninguém escuta um clamor desta magnitude sem

**Lista de nomes de bispos atingidos
pela repressão no período 1968/1978
(ordem alfabética)**

Apresentamos aqui uma lista de nomes de Bispos envolvidos nos ataques à Igreja, catalogada por nós, nestes últimos 10 anos.

Constam datas e fatos. Sabemos que este anexo está incompleto. Há mais bispos atingidos e há fatos que não estão registrados devido aos motivos já fartamente expostos a respeito dos limites que tivemos na redação deste documento. Assim que, agradecemos os esclarecimentos que nos puderem ser fornecidos.

Há que ressalvar, ainda, que há bispos que são alvo de ataques permanentes, durante certas épocas, e que nestes casos a simples referência neste tipo de informe, não expressa nem a gravidade nem a extensão das ocorrências.

Agnelo Rossi - São Paulo - 1968: é declarado "persona non grata" pelos militares; 1969: tem sua residência invadida; é atacado pela imprensa por ter defendido Pe. Wauthier e ainda os dominicanos presos.

Adriano Hipólito - Nova Iguaçu (RJ) - 1976: seqüestrado; 1977: censurado; 1978: ameaçado de novo seqüestro.

Alano Pena - Marabá (MT) - 1972: preso; 1976: ameaçado de morte; 1977: responde a IPM; 1978: presta depoimento.

Aloísio Lorscheider - (Presidente da CNBB) - Fortaleza - 1970: detido; 1973: sofre censura.

Antônio Fragoso - Crateús (CE) - 1968: acusado de ligações com Carlos Marighela (ex-deputado assassinado em 1969); preso em Riobamba, Equador (durante muito tempo alvo de ataques na imprensa, vigiado e visto com desconfiança pelo governo).

Aldo Mongiano - Roraima (AM) - 1977: tem dissolvida uma reunião com caciques índios que assessorava.

Avelar Brandão Vilela - Salvador - 1973: tem cancelada medalha de Mérito Pernambucano; é impedido de falar na posse de D. Aloísio.

Cândido Padim - Bauru (SP) - 1969: é atacado pela imprensa; 1976: é preso em Riobamba, Equador.

David Picão - Santos (SP) - 1968: é intimado por desconhecidos a comparecer para "ter uma conversa com o comandante"; obrigado a manter-se incógnito durante uma semana até obter garantias para sua integridade.

Edmilson Cruz - Brasília - 1968: é atacado por ter feito sermão que desagrado às autoridades.

Estevão Avelar - Conceição do Araguaia (MT) - 1972: é preso e ameaçado de morte; 1976/1977: é interrogado, difamado, acusado de envolvimento no assassinato de policiais; 1978: pressionado a sair de sua diocese, termina transferido para Uberlândia.

Fernando Gomes - Goiânia (GO) - 1968: tem a catedral invadida quando da missa de 7º dia por estudante assassinado; 1974: é acusado de comunista.

Francisco Hélio Campos - Viana (MT) - 1973: é acusado de subversivo por defender lavradores de sua região.

Hélder Câmara - Olinda/Recife - 1969: é atacado pela imprensa, a TFP e o CCC; a partir de 1970 é acusado de difamar a imagem do Brasil no exterior, de agir contra a Segurança Nacional, de insuflar posseiros na região de Igaraçu; difamado, censurado e proibido de falar publicamente; detido quando da invasão da sede do Regional NE II da CNBB.

Henrique Froelich - Diamantino (MT) - 1975: acusado de responsabilidade na invasão de terras.

Ivo Lorscheiter - Santa Maria (RS) - (Secretário geral da CNBB) - 1973: proibido de falar na posse de D. Aloísio; alvo de fotomontagens difamatórias.

Jairo Rui Matos - Bonfim (BA) - 1977: ameaçado em seu trabalho diário, tem sua casa invadida e vigiada.

José Brandão - Propriá (SE) - 1977: acusado de comunista; tem três padres de sua diocese vetados pela política para a presidência da Ação Social Paroquial.

José Lamartine Soares - Olinda/Recife - 1971: é detido na invasão da Casa dos Maristas e sede Regional da CNBB, NE II.

José Rodrigues de Souza - Juazeiro (BA) - 1977: é ameaçado de morte.

José Maria Pires - João Pessoa - 1977: é detido por duas horas, alvo de vários ataques verbais e/ou pela imprensa durante largo período.

Manuel Pereira da Costa - Campina Grande (PB) - 1972: impedido de participar de reunião cívica por ter se negado a celebrar missa pelo aniversário da Revolução de 1964.

Mário Teixeira Gurgel - Itabira (MG) - 1976: pressionado a renunciar, atacado e difamado publicamente.

Marcelo Carvalheira - Guarabira (PB) - 1978: ameaçado de morte.

Paulo Evaristo Arns - São Paulo - 1972: impedido de visitar presos; 1975: difamado através de cartas falsas; 1976: atacado pela TFP, acusado de agir contra a "segurança nacional".

Paulo Ponte - Itapipoca (CE) - 1976: ameaçado de morte.

Pedro Casaldáliga - São Félix (MT) - 1971: pressionado, perseguido, censurado, acusado de comunista e subversivo, difamado; 1972: ameaçado de expulsão do país; 1973: ameaçado de morte, com a cabeça a prêmio responde a IPM.

Tomás Balduíno - Goiás (GO) - 1977: sofre pressão para ser transferido; denuncia a pressão extra-Igreja que vem atingindo sua diocese; 1978: sofre censura e ataques difamatórios; durante largo período é alvo de constantes observações e ataques por sua atuação na região da diocese e por sua participação no CIMI.

Teodoro Leitz - Dourados (MT) - 1976: preso por denunciar irregularidades contra índios.

Waldir Calheiros - Volta Redonda (RJ) - 1969: responde a IPM; 1970: considerado ameaça à "segurança nacional"; tem censurada matéria sobre os dez anos de seu Bispado, a ser publicada no O São Paulo; ameaçado de seqüestro quando do seqüestro de D. Adriano Hipólito; durante largo tempo vítima de ataques sistemáticos verbais e/ou pela imprensa e ainda várias formas de pressão.

Prisão de cristãos engajados no trabalho pastoral (dados incompletos)

<i>Datas</i>	<i>Total no ano</i>
1968	57
1969	25
1970	49
1971	11
1972	6
1973	11
1974	16
1975	3
1976	85
1977	6
1978	4
<i>Total</i>	<i>273</i>

O número total de cristãos presos foi de 273 (dados incompletos). Trata-se de pessoas engajadas nos trabalhos pastorais, citados nos documentos oficiais por sua conhecida militância e compromisso. Os registros que temos apontam uma maioria de lavradores, seguidos por um número significativo de operários, agentes de pastoral e outros (membros da JOC, ACO, Justiça e Paz, Frente Nacional do Trabalho, Movimento Familiar Cristão, advogados engajados em questões trabalhistas).

Prisões de padres, religiosos, seminaristas, detenções de Bispos, brasileiros e estrangeiros que trabalharam no Brasil, no período de 1968/1978 (dados incompletos).

<i>Datas</i>	<i>Total de prisões no ano</i>
1968	18
1969	29
1970	17
1971	9
1972	11
1973	12
1974	—
1975	7
1976	6
1977	6
1978	7
<i>Total</i>	<i>122</i>

Observações: dos 122 presos, 36 são estrangeiros: 9 bispos, 84 sacerdotes, 13 seminaristas e irmãos, 6 irmãs. Atente-se para o fato de que o total do clero brasileiro é de aproximadamente 12.500 sacerdotes e que a proporção clero/população é de 1/8.500 pessoas.

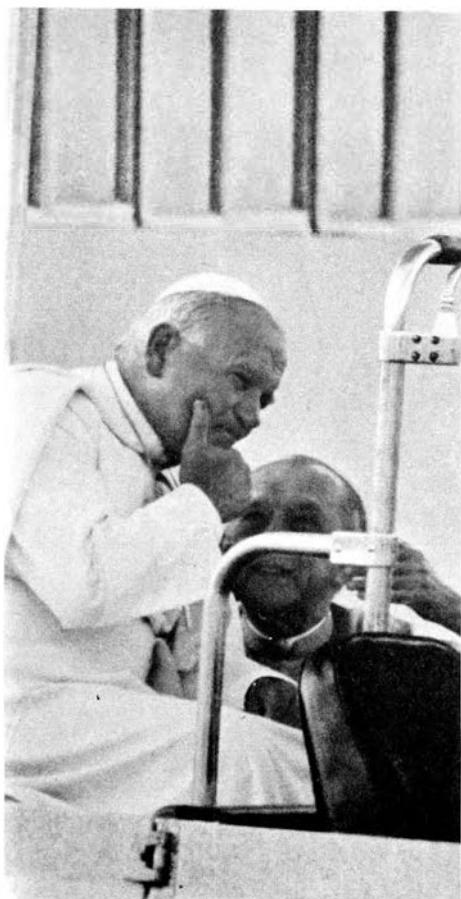
Encontro com os trabalhadores em São Paulo: sem pompas e circunstâncias.

se perguntar sobre a verdade que nasce de milhões de pessoas em diálogo com um Símbolo, e, portanto, sobre o verdadeiro sentido de si mesmo como símbolo capaz de mobilizar tanta gente. Neste sentido o povo visitou o Papa, invadiu a sua casa, ocupou os seus sentidos, e moveu a pedra de Pedro para algum lugar, em alguma direção. Em que direção?

Uma vez estava o fundador da Igreja sentado em meio a uma multidão e foi avisado por seus discípulos que o povo tinha fome. Foram recolhidos entre os presentes alguns pães e peixes tendo Cristo, segundo o Novo Testamento, operado o milagre de multiplicação. No Brasil era como se o Papa tivesse feito a multiplicação de gestos, palavras, sentidos e propostas sem dividi-los... A divisão está por ser feita e este é o problema.

O Governo pretende apropriar-se da cesta, dizendo que tudo o que o Papa propôs corresponde ao que ele propõe. Para isso prepara uma publicação, "De João para João", onde pretende demonstrar a identidade entre o João de Deus e o João do Estado.

Os diferentes setores da Igreja reivindicam pães e peixes para dividir entre operários ou patrões; camponeses ou donos de terras; índios, posseiros ou grandes empresas; entre a democracia ou o autoritarismo; a justiça social ou o respeito à ordem estabelecida.



Pedro Martinelli

D. Hélder: o apoio incontestável



Ricardo Chaves

Os diferentes setores ou classes sociais querem participar da partilha na esperança de terem agora a parcela a que têm direito, mais os juros das parcelas que lhes foram roubadas no passado.

Uma coisa porém parece certa, não vai ser fácil fazer a divisão dos pães e peixes, nem manter a festa da unanimidade num país onde uns poucos têm tudo e a maioria quase nada. Assim que a luta continua, depois da partida do Símbolo, pela partilha das palavras e gestos do Papa segundo São Evaristo Arns, São Eugenio Sales, São João Batista Figueiredo, São Operário ou São Camponês.

Entre as coisas previsíveis uma também parece lógica: depois desta avalanche papal, o Governo deverá repensar a sua tática frente à Igreja. Se antes se apoiava nos setores conservadores, tentava neutralizar os moderados e atacar os progressistas (inclusive com ameaça de processos com base na Lei de Segurança Nacional), hoje poderá estar pensando em como ganhar os moderados para *neutralizar* os progressistas, o que já significa uma mudança significativa para

quem há poucas semanas atrás, se preparava para uma guerra santa, com a segurança própria de quem vive isolado nas alturas do Palácio do Planalto.

Estas mudanças são previsíveis, assim como parece também lógico que o conjunto da sociedade brasileira irá buscar as formas de fazer também os seus milagres contra alguns demônios criados pelo regime, e contra os quais o Papa foi mais claro: os fundamentos da política econômica colocada em prática pelo Governo, baseados no lucro e não nas necessidades humanas; os fundamentos da ordem social e política codificada na Lei de Segurança Nacional, que transforma o povo no objeto do Estado, acima de qualquer controle destes milhões que aclamaram o Papa nas praças e nas ruas do Brasil.

Wojtyla, o Arns de Cracóvia

Rubem César Fernandes

O autor viveu cinco anos na Polônia, onde se formou em Filosofia.

A imprensa conservadora anunciou com júbilo que a Igreja não deve fazer política, pois assim teria dito o papa. Foi um recado, supostamente canônico, para a Igreja de Dom Paulo. Como a inspiração é polonesa e como a mensagem final é ambígua (a Igreja tem missão "ética" e "social", mas não "política"), resolvi voltar à Polônia para ver a atuação de sua Igreja. Um bom exemplo comparativo é o quebra-quebra dos operários de Radom, Ursus e outras cidades industriais polonesas em junho de 1976. O Governo havia anunciado uma elevação abrupta de preços. A resposta popular foi uma série de greves que desembaram em violência de rua, repressão sangrenta e muitas prisões.

O que fez a Igreja? Rezou? Sim, mas também fez outras coisas que se parecem mais com "política". Surgiu um "Comitê de Defesa dos Operários", organizado por intelectuais bem conhecidos. Lá estavam marxistas expulsos do Partido Comunista em 1968, socialistas sem partido, liberais de tradição anticlerical, líderes estudantis cassa-

dos e... um sacerdote de longas barbas, o lendário padre Zieja, capelão do Exército na Resistência da Segunda Guerra. O primaz Wyszyński fez discursos do púlpito em defesa dos operários e a 154ª Conferência do Episcopado, reunida em 10 de setembro de 1976, lançou um documento exigindo que cessasse toda a repressão aos operários.

A Igreja Católica polonesa não falava assim nos anos 60. Era então mais voltada para a defesa de seus direitos religiosos. Mas a situação mudou nos anos 70, quando ocorreu uma rearticulação das oposições. E lá na Polônia, como aliás também ocorreu no Brasil, a Igreja tornou-se um espaço de abrigo para os protestos civis. Sua autoridade religiosa sustentou a legitimidade de movimentos anatemizados pelo Estado.

Um setor da Igreja foi particularmente importante ali: a "intelligentsia" católica centrada em Cracóvia. Seu jornal semanal tornou-se o principal veículo de manifestação ideológica independente, publicando inclusive artigos de marxistas dissidentes. Sua associação, Znak, com clubes de discussão em todas as principais cidades do país e com representantes no Parlamento, forneceu uma rede de contatos e uma organização preciosa. E o bispo de Cracóvia chamava-se Karol Wojtyla.

Wojtyla e o regime. Também ele fazia uso do púlpito para veicular os protestos sociais. Num domingo de maio de 1978, falando a cento e cinquenta mil mineiros e metalúrgicos, o cardeal Wojtyla atacou os sindicatos oficiais, exigindo que deixassem de promover cerimônias cívicas e se empenhassem em melhorar as condições de vida e de trabalho dos operários.

"Existem pessoas" — disse Wojtyla — "cujo destino é o trabalho, e outras que, contrariamente às declarações solenes e aos princípios da Constituição, estão apenas vivendo do trabalho alheio". Wojtyla apoiou ainda a "Universidade Volante". Esta "universidade" é uma promoção ilegal da oposição que se contrapõe ao ensino oficial. Foi organizada em janeiro de 1968 por sessenta e dois acadêmicos de prestígio pela qualidade do seu trabalho e pelo caráter "subversivo" das suas opiniões. Em 11 de fevereiro desse ano, uma palestra proferida por Adam Michnik (historiador marxista várias vezes preso), em Cracóvia, foi dissolvida pela polícia com cassetetes e gás lacrimogêneo. Nos dias 8 e 9 de março, a Conferência dos Bispos ouviu um relato de Wojtyla sobre os acontecimentos e aprovou sua resolução de oferecer um convite para a realização dos cursos da "Universidade Volante".

Responsabilidades. A denúncia da censura foi também um dos temas prediletos do arcebispo de Cracóvia. E, quando de volta à Polônia já como João Paulo II, ele falou aos estudantes de Cracóvia condenando-os à responsabilidade social. E no sermão aos operários de Nowa Huta proferiu palavras que, francamente, poderiam ter sido gravadas neste mês de maio no ABC paulista: "Não se pode separar a cruz do trabalho humano. O cristianismo e a Igreja não temem o mundo do trabalho. O papa não teme o povo trabalhador. (...) A problemática contemporânea do trabalho humano (ou, simplesmente, a problemática contemporânea?) deriva em última instância (que os especialistas me permitam dizer) não da técnica, e nem tanto da economia, mas de uma categoria fundamental: a categoria da dignidade do trabalho, ou seja, da dignidade humana".

Em resumo, as dioceses de Wojtyla e de Dom Paulo são diferentes em muitos sentidos, mas estão ambas engajadas num processo profundo de legitimação de protestos civis diante do autoritarismo estatal. Pelo visto, isto não é "política" no sentido da palavra empregado pelo papa. É "ético", é "social", é mais que "político".

E vendo as multidões em torno daquele homem, tanta esperança e tanto amor como não me lembro de haver visto, um conto do Gabriel Garcia Marques me voltou à memória que, se ela não me trai, se chama "O afogado mais lindo do mundo". É sobre uma aldeia de pescadores sem futuro e sem passado, onde nada acontecia enquanto todos diziam e faziam as mesmas coisas sempre e morriam de tédio pelas noites adentro... Até que, num belo dia, o mar foi trazendo de longe e devagar, uma coisa flutuante esquisita, diferente de tudo que já se havia visto. E o pessoal se ajuntou na praia, por não ter o que fazer, por curiosidade, para ver de que se tratava. E a coisa chegou. Era um afogado. Coberto de musgos, algas e liquens, inerte e mudo para sempre. E foi então que um milagre aconteceu. Porque homens e mulheres começaram a dar ponto em cima do silêncio do morto. E as mulheres, olhando aquele corpo imenso e belo, o viram se abaixando em todas as portas — era alto demais para casas tão pequenas — e sorrindo para as pessoas, mesmo as desconhecidas — não tinha nada a temer — e usando aquelas mãos enormes para trabalhar e ajudar... E os homens começaram a se achar pequenos, e a se perguntar sobre os mundos que o afogado deveria ter visto e as coisas heróicas que deveria ter feito. E a estória termina dizendo que a aldeia nunca mais foi a mesma, desde que ali se enterrou um homem afogado e o seu silêncio.

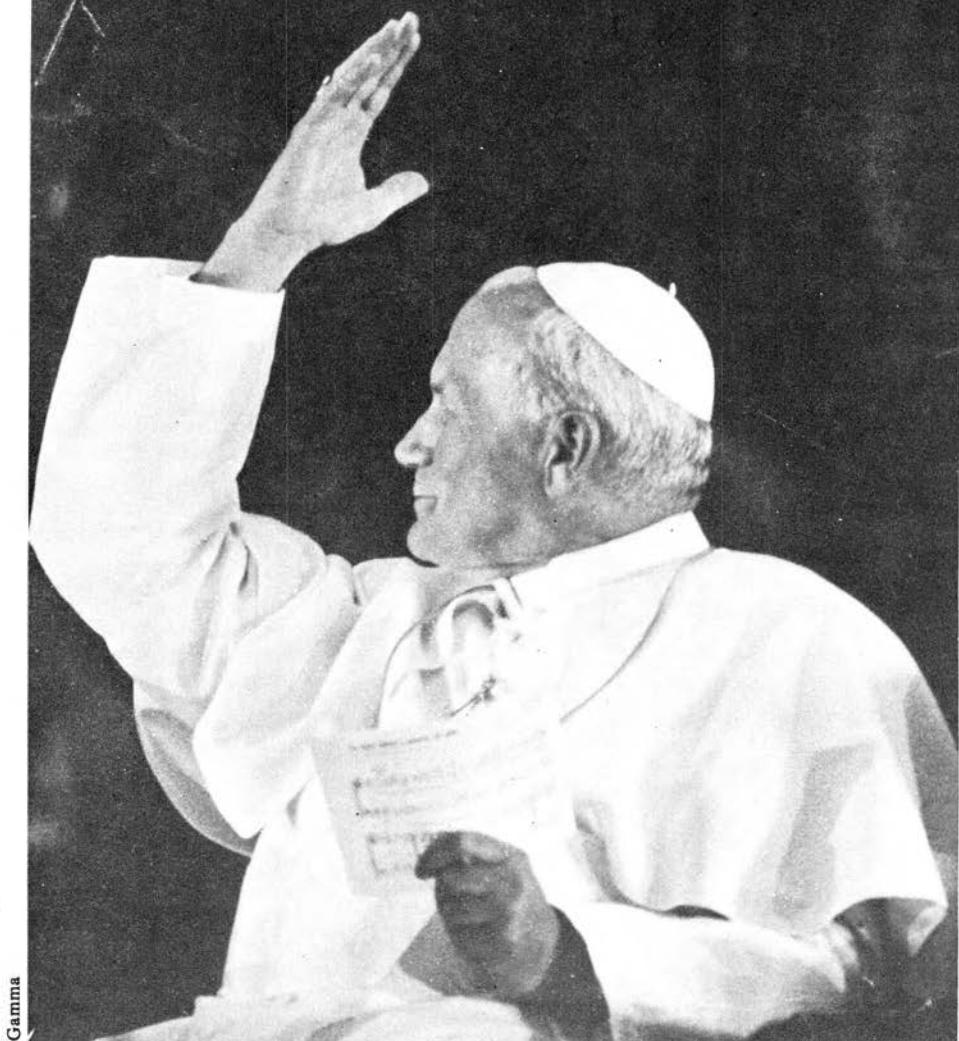
E eu me perguntei se esta estória não se repetiu, com a visita do papa. Não se pareceu ele, por demais, com aquele afogado silencioso em torno do qual os pescadores construíram suas teias de fantasia e de esperança que tornaram as noites menos escuras e o futuro mais bonito?

Lembrei-me de um aforisma de Nietzsche: "não há fatos; o que há são interpretações". Quais são os *fatos* sobre o papa e a sua visita? Serão fatos as suas idéias teológicas, as suas intenções políticas, o seu passado europeu, a estratégia do Vaticano?

É curioso como os fatos são construídos pelos agentes interessados.

Para os políticos da vida nacional, o papa era um trunfo que não podia ser

O Milagre Inesperado



Gamma

ignorado, ainda que isso doesse muito. E houve até gente que fizesse questão de aparecer recebendo a hóstia das mãos do Santo Padre, menos pela graça sacramental ali escondida, que pela possível graça eleitoral prometida. Lógico, porque alguém que recebe o sacramento, a visita, o aperto de mão, o sorriso, o abraço do Supremo Pontífice, não pode ser tão mau quanto se propala... Cedo porém, as ténues promessas de capitalização política se tornaram num pesadelo que não parecia ter mais fim, porque o silêncio do papa frente aos poderes constituídos e a sua insistência em ser apenas um pastor, falaram mais que todas as suas possíveis palavras. O que chegou a parecer mesmo uma certa falta de polidez. Não deu a César o que pertence a César... Ou será que César perdeu os seus direitos? Dentro

do país a manipulação política da visita do papa foi dificultada pela presença da televisão — o que não impediu que, em outros países latino-americanos, tanto a esquerda quanto a direita fizessem do papa as caricaturas que se harmonizassem com os seus preconceitos.

Para os intelectuais a questão era outra. Onde se encontra o papa, ideológica e teologicamente? Daí, olhos e ouvidos atentos a tudo o que foi escrito e dito. Material excelente para inúmeras análises textuais e possivelmente teses de mestrado e doutoramento. O que, sem dúvida, não deixa de ser decepcionante. Porque o papa não disse coisas novas, não disse coisas revolucionárias, não disse coisas maravilhosamente brilhantes. É necessário reconhecer

MALAQUIAS



que a sua posição de chefe espiritual de uma grande comunidade, marcada por tensões e conflitos, exigia que os seus discursos fossem marcados pela prudência, pela moderação e pelas reticências. Talvez que os seus silêncios tenham sido mais importantes que as coisas que foram ditas. A genialidade institucional e política da Igreja Católica, a meu ver, se encontra justamente na sua capacidade para ser um enorme guarda-chuva protetor que cobre e protege cristãos das mais variadas tendências, sem levá-los aos cismas. É este caldeirão em ebulação que explica a enorme vitalidade da Igreja, vitalidade que não existiria se ela se fracionasse em unidades assépticas, como ocorreu com o Protestantismo. E é esta união precária, *a despeito* dos

conflitos teológicos, que lhe dá a unidade política que lhe permite resistir aos choques com o Estado. Por que haveria o papa, em nome de uma suposta coerência doutrinária e ideológica, de quebrar este mágico encanto? Daí, a enorme dificuldade que apresenta a análise textual dos seus discursos. Porque o texto não diz aquilo que está sendo implicitamente dito nos silêncios e reticências.

Mas, e o povo? Que é que ele fez com o papa? Os olhares não podiam mentir. As centenas de milhares de pessoas significam algo. Estavam em busca de quê? De palavras? É muito duvidoso. De milagres? Mais duvidoso ainda. Na verdade, não creio sequer que as próprias pessoas pudessem explicar. E tenho de confessar que

mesmo eu, gentio, me emocionei. Lembrei-me das palavras do evangelista de que Jesus, vendo as multidões, compadeceu-se delas, porque andavam desgarradas e errantes, como ovelhas que não têm pastor. Não terá sido esta, exatamente, a significação da visita do papa? Pastor de esperanças... Isto mesmo. Talvez que a sua presença tenha chamado de volta esperanças perdidas, reacendido sorrisos, ressuscitado memórias já defuntas de fraternidade, bondade, justiça e amor. E, por isto mesmo, as pessoas tenham-se surpreendido não com o papa, mas com aquelas coisas que afloraram de subterrâneos escuros... De fato, durante estes quase vinte anos, qual foi o líder que despertou o amor do povo? Só é possível amar aqueles que têm olhar manso. Só é possível amar aqueles que se dão conta de que governam pessoas e não sistemas. Só é possível amar aqueles que respeitam a voz e o direito dos humildes e dos fracos. Na verdade, nossos símbolos nos foram tirados. Não mais temos ausências a celebrar. E os projetos...

Quem nos cativou?

Quem nos fez amar mais?

Quem nos deu novas esperanças?

E agora, esta presença enigmática encheu o nosso espaço. Mão vazias. Palavras simples e repetidas. Mas foi esta presença enigmática que fez com que o povo pensasse de novo os pensamentos velhos, pensamentos que nos cativaram um dia, para serem exilados depois. Talvez seja apenas isto que nos falta: quem nos fale de amor e de esperança para nos lembrar de que ainda estamos vivos. O que não deixa de ser um milagre inesperado para este tempo de escuridão.

Rubem Alves

PAPA PREGOU DIREITOS HUMANOS LOGO NA SUA CHEGADA

Desde que desembarcou, em Brasília, o Papa João Paulo II acentuou em seu pronunciamento feito na Base Aérea, na homilia durante a missa campal e principalmente no discurso durante o encontro que manteve com o presidente, no Palácio do Planalto, que a Igreja Católica "só pode ver com satisfação os esforços que visem salvaguardar e promover os direitos e liberdades fundamentais de toda a pessoa humana e assegurar a sua participação responsável na vida comunitária e social", acrescentando que uma das missões da Igreja é precisamente promover a dignidade do homem e preconizar as reformas indispensáveis a salvaguardar e promover os valores "sem os quais não pode prosperar nenhuma sociedade digna deste nome".

NA CNBB, O PAPA DEU UM LONGO E CARINHOSO ABRACO EM DOM HÉLDER CÂMARA

O mais longo abraço dado pelo Papa na CNBB foi dedicado a D. Helder Câmara, bispo de Recife e Olinda e fundador da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. João Paulo II que vira do encontro com o presidente cumprimentou os 60 bispos que lá se encontravam e eram apresentados por D. Ivo Lorscheiter, presidente da entidade. Ao se aproximar de D. Helder, o Papa, em vez do simples aperto de mão, abraçou-o e lhe disse algumas palavras. O gesto de carinho foi repetido no auditório da CNBB, quando o bispo de Recife presenteou o Papa com a coleção dos "documentos mais importantes produzidos pelos bispos", como disse.

INTELECTUAIS DÃO APOIO A UMA IGREJA ABERTA E ENGAJADA

Mais de dois mil intelectuais, advogados, professores, jornalistas e artistas de todo o País assinaram a carta destinada a João Paulo II, que tem como objetivo "expressar o apoio maciço dos intelectuais abertos a uma Igreja aberta, realmente popular e engajada na luta do povo brasileiro", segundo informaram os vice-presidentes da Associação dos Cientistas Sociais e Presidente da Sociedade de Estudos e Atividades Filosóficas, os principais articuladores do abaixo-assinado, enviado a todos os centros universitários brasileiros.

ÍNDIOS DENUNCIAM 9 ASSASSINATOS

O assassinato dos líderes indígenas Ângelo Kretá (Kaingang do Paraná), Ângelo Xavier (Pankaré da Bahia), Mateus e Moreira (Guajajará do Maranhão) e cinco Tiluna do Amazonas, é a principal denúncia feita pelos índios na carta encaminhada a João Paulo II. A carta foi entregue por D. Tomás Balduíno da CNBB. Os 60 líderes indígenas representando 25 nações reunidos em Brasília desde o final da semana passada, com o objetivo de apresentarem um documento ao Papa, criticaram o encontro entre João Paulo II e os índios em Manaus. Indagaram eles se o Papa "não ficar triste e até chorar quando souber que um povo não pode cantar e dançar quando estão roubando as terras, matando os chefes e obrigando milhares de nossos parentes a trabalharem como escravos". O documento demonstra como as frentes de penetração, conduzidas por empresas multinacionais — Volkswagen, Swift, Nixdorf, Brascan, Jari Florestal — por meio de rodovias e projetos agropecuários estão afetando as comunidades indígenas. Menciona, particularmente, o caso dos índios Nambikaura, do vale do Guaporé, ameaçados, mais uma vez, por uma tangente da Rodovia BR-364 (Cuiabá—Porto Velho) que, em menos de 25 anos, dizimou 9 mil 500 Nambikaura. Preocupa-se com o destino dos índios Coxodó, contatados no último dia 8 de maio, e ameaçados pela rodovia Labrea—Benjamim Constant, no Amazonas.

MAGISTÉRIO MINEIRO FEZ DENÚNCIAS

Um documento mostrando ao Papa João Paulo II a real situação em que se encontra o magistério mineiro, foi entregue, em Belo Horizonte, pela diretoria da União dos Trabalhadores do Ensino em Minas. Os docentes pedem ao Papa que ele não se deixe levar pelas aparências "da superfície de prosperidade que nossos governantes tentarão fazer brilhar aos olhos de Vossa Santidade".

PAPA DISSE A INTELECTUAIS QUE SEM LIBERDADE NÃO HÁ CULTURA

"Fora da liberdade não pode haver cultura. A verdadeira cultura de um povo, a sua plena humanização não se podem desenvolver em um regime de coerção". Essa advertência foi feita pelo Papa João Paulo II em seu encontro, no Sumaré, com 96 intelectuais brasileiros.

DOM PAULO EXALTOU PRONUNCIAMENTOS

O pronunciamento do Papa no Palácio do Planalto, "foi o que mais impressionou os bispos, pela defesa explícita dos direitos humanos, sem esquecer os divinos e sem deixar de lado os deveres", afirmou o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, assegurando que as palavras do Papa superaram "de longe as expectativas e foram recebidas com alegria". D. Paulo, que participou em Brasília da recepção oficial ao Papa, classificou a missa de Belo Horizonte como "apoteótica", lembrando que ela era dirigida aos jovens, mas atingiu todo o povo: "devemos analisar de modo diferente a psicologia do povo, que não é um povo cansado, mas ávido de esperança. Em Belo Horizonte, houve uma mensagem fortíssima de esperança, um desafio da história".

CNBB SENTIU-SE ENCORAJADA

As palavras de João Paulo II no Palácio do Planalto, em defesa dos direitos humanos, a favor de mudanças sem violências, contra os armamentos e em defesa da vida, "coincidem com a ação pastoral desenvolvida pela Igreja do Brasil. São, portanto, palavras de estímulo e encorajamento à ação pastoral". Esta foi a análise feita pelos assessores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em torno do discurso diante do Presidente.

LIVRO SOBRE DESAPARECIDOS POLÍTICOS SERIA ENTREGUE AO PAPA

O presidente da Ordem dos Advogados do Brasil tinha em suas mãos a obra de Reinaldo Cabral e Ronaldo Lapa, "Desaparecidos Políticos", que pretendia entregar ao Papa no Sumaré. O Sr. Seabra Fagundes explicou que havia sido encarregado de entregar o livro a João Paulo II a pedido de inúmeros parentes de presos políticos desaparecidos desde 1964. "A Sua Santidade, o Papa João Paulo II: uma das mais graves violações dos direitos humanos na América Latina e em nosso país, tem sido a tortura, a eliminação física e o 'desaparecimento' de opositores aos regimes constituidos. Nós, familiares de presos políticos 'desaparecidos' temos empreendido incansável luta pelo esclarecimento das circunstâncias em que foram presos os nossos parentes. Aproveitamos esta oportunidade para levar ao conhecimento de Sua Santidade a denúncia desses fatos. Contamos com sua solidariedade e apoio".

JORNALISTA ITALIANO RECLAMA DO EXCESSO DE SEGURANÇA COM O PAPA

O jornalista italiano Frederico Mandillo, secretário da Associação de Jornalistas Vaticanistas, que reúne 120 profissionais de todo o mundo, era um dos mais indignados, durante a reunião mantida pelos correspondentes com o assessor da SECOM. Frederico Mandillo, que acompanha as viagens papais há 18 anos, afirmou nunca ter visto tamanha desorganização. Mandillo estranhou ainda o clima existente até aqui na viagem papal: "não havia quase povo em nossa chegada a Brasília. Só tropas, o que levou um padre da comitiva papal a ironizar: 'eis os soldados que vêm recepcionar o apóstolo da paz'".

D. PAULO ENTREGOU CARTA DOS FAVELADOS

Favelados cariocas escreveram uma carta ao Papa, na qual denunciaram as condições de miséria em que vivem, sem "água, esgoto, luz, assistência médica, transporte e educação, além da insegurança de viver em locais ameaçados por interesses dos poderosos". A carta será entregue ao Papa João Paulo II pelo cardeal-arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns. No documento, eles pedem ao Pontífice que "incentive todas e quaisquer ações da Igreja católica que valorizem a luta dos oprimidos". Assinaram a carta moradores de todas as favelas do Rio.

JOÃO PAULO II FALOU AO TRABALHADOR

No primeiro contato com o trabalhador brasileiro, quando esteve com cerca de 150 mil deles no estádio do Morumbi, em São Paulo, o Papa João Paulo II, mais uma vez, colocou a Igreja ao lado dos humildes. E fez questão de lembrar que "a justiça não pode ser obtida com violência". Entre os trabalhadores que foram receber a bênção do Papa, estavam muitos metalúrgicos, entre eles diversos ex-líderes sindicais do ABC, que também ouviram João Paulo II afirmar que a falta de justiça ameaça a existência da sociedade: "Esta ameaça existe quando, no domínio da distribuição de bens, se confia unicamente nas leis econômicas do crescimento e do maior lucro".

Igrejas saúdam o irmão de Cristo

"A presença de Nossa Senhor Jesus Cristo, o amor de Deus Pai e a comunhão do Espírito Santo sejam com todos nós. Com esta saudação apostólica, nós, dirigentes de igrejas filiadas ao Conselho Mundial de Igrejas e membros do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs em Formação, cumprimentamos o nosso caríssimo irmão em Cristo, o Papa João Paulo II, expressando a nossa alegria pela sua presença no Brasil, solidarizando-nos com os nossos irmãos católicos romanos, fazemos votos que esta sua visita seja uma bênção para o nosso povo e um novo incentivo para relacionamento das igrejas da nossa terra. Em atendimento à vontade e à oração de Nossa Senhor, no sentido de que todos sejam um, damos graças a Deus pelo estágio alcançado até o momento no diálogo ecumênico, na cooperação e no testemunho comum diante dos problemas humanos e sociais."

"Empenhados na busca da unidade, dom de Cristo, compartilhamos a preocupação pelo porvir do caminho ecumônico, até aqui promissor em nosso país. Expressamos nosso desejo de que pelo amor do Pai sejam cada vez mais fortalecidos e aumentados os pontos comuns da nossa fé. Igualmente, anelamos que as questões que ainda nos dividem, longe de se intensificarem, sejam superadas, segundo a promessa de que o espírito de Deus nos guiará a toda verdade."

Reafirmando nosso compromisso supremo com o Evangelho de Nossa Senhor Jesus Cristo diante da realidade e da pobreza e miséria vivida pela maioria da nossa gente, as igrejas cristãs, independentemente de suas tradições confessionais, são chamadas a testemunho profético, corajoso e aberto na luta por justiça social e direitos humanos fundamentais do povo brasileiro.

Tudo que fizemos aos necessitados e oprimidos, Jesus quer recebê-lo como

feito a ele mesmo. Com alegria, registramos que precisamente nessa tarefa de amor se revigora, na fé, na teologia e na vivência, a vitalidade de nossas comunidades cristãs, e do povo de Deus. Esperamos sinceramente que também vossa visita contribua para que o nosso povo seja fortalecido neste encontro verdadeiro com o Evangelho de Cristo. Suplicamos ao Senhor da Igreja que ele, por seu Espírito Santo, nos conduza e norteie no cumprimento fiel dessa nossa missão comum de anunciar em palavras e ações o reino do amor, da justiça e da paz.

Porto Alegre, 4 de julho de 1980, Arthur Kratz, Bispo Primaz da Igreja Episcopal do Brasil (Anglicana); Sadi Machado da Silva, Bispo da Igreja Metodista do Brasil; Augusto Ernesto Kunert, Pastor Presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil; Janos Apostol, Presidente da Igreja Cristã Reformada do Brasil".

Encontro ecumônico teve cinco igrejas

Os representantes de Igrejas cristãs que participaram do encontro ecumônico com João Paulo II são os seguintes:

Sadi Machado da Silva — Presidente do Colégio Episcopal da Igreja Metodista. Gaúcho de Uruguai, tem 65 anos e começou seu trabalho religioso em 1939, atuando na zona de colonização italiana. Foi ordenado diácono em 1940, presbítero em 1942 e sagrado bispo em 1970. Esta foi a primeira vez que ele manteve um encontro com um Papa e, segundo afirmou, se tivesse oportunidade de conversar durante mais tempo com João Paulo II gostaria de falar sobre "a mensagem do Evangelho para o mundo de hoje". Sua Igreja tem mais de 30 mil membros.

Artur Rodolfo Kratz — Primaz da Igreja Episcopal do Brasil. Natural da cidade gaúcha de Pelotas, tem 59 anos. Foi ordenado pastor em 1947, sagrado bispo em 1971 e eleito Primaz da Igreja em 1972. Ele também nunca

teve a oportunidade de conversar com um Papa, mas considera que o encontro é importante porque demonstra que João Paulo II e a CNBB estão interessados em "se aproximar das Igrejas Cristãs".

Augusto Ernesto Kunert — Presidente da Igreja Evangélica de Confissão Luterana do Brasil. Perseguido durante a última guerra por sua origem alemã, ele iniciou seu ministério religioso aos 18 anos. Por determinação governamental, a Faculdade de Teologia de São Leopoldo, onde estudava, foi fechada em 1942, sob suspeita de difundir idéias nazistas. Seus alunos e professores foram alvo de represálias e intimidações e, por isto, o pastor foi destacado para atender a Paróquia de Palmítos, no interior de Santa Catarina, até o final da guerra. Em 1956 foi eleito vereador pelo PTB no Município gaúcho de Taquara, onde foi pároco e, mais tarde, diretor do Asilo Pella-Bethânia para crianças e velhos. Ocupa a presidência da Igreja desde 1978 e é membro da Comissão de Desenvolvimento da Federação Luterana Mundial, com sede em Genebra. Tem 57 anos, é casado e com dois filhos.

Ephraim Grinsberg — Chefe da Congregação Judaica no Rio Grande do Sul. Nascido na Argentina, o Grão-Rabino tem 69 anos e está em Porto Alegre há dois anos e meio, onde veio convidado pela comunidade judaica para chefiar a congregação no Estado. Para ele, a vinda do Papa ao Brasil influenciará a união dos homens "levando todos para a paz e compreensão".

Participou da reunião ecumônica, mas não assinou o documento por não fazer parte das igrejas cristãs.

Janos Apostol — Presidente da Igreja Cristã Reformada do Brasil. Natural da Hungria, está no Brasil há 32 anos, mas iniciou seu ministério religioso em Nova Iorque. Foi mandado para o Brasil como missionário e fundou, em 1948, a Igreja Cristã Reformada do Brasil, que tem sede em São Paulo. Foi a primeira vez que ele se encontrou com um Papa e tem a mesma opinião de João Paulo II quanto à missão do religioso que deve "cuidar das almas". É casado, mas não tem filhos.

“Como é bom estarem os irmãos reunidos”

Caríssimos irmãos no Senhor.

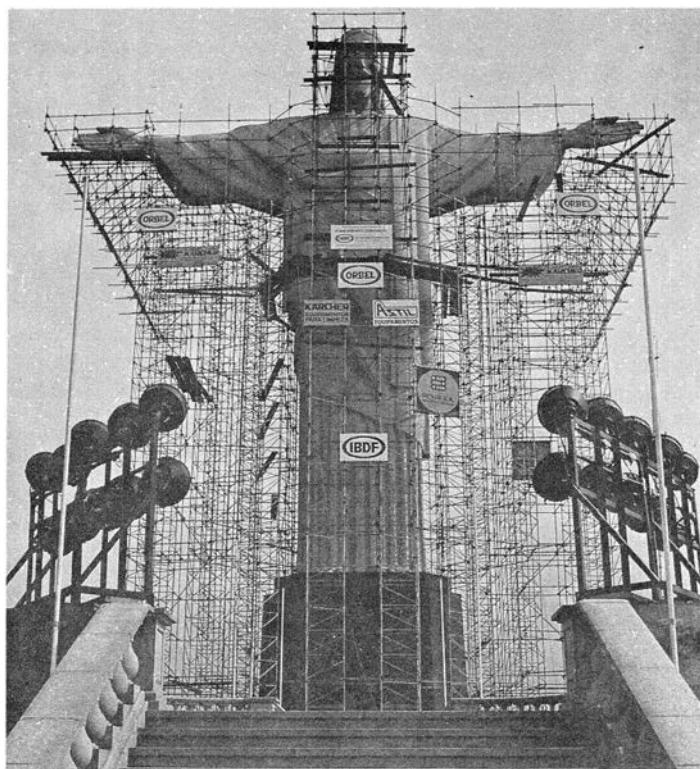
Oh! Como é bom e agradável estarem os irmãos reunidos.

É este o sentimento que me domina a alma ao compartilhar com os senhores, representantes de muitas comunidades evangélicas no Brasil, este momento espiritual de oração e de encontro no Senhor. É ele, com efeito, quem nos une com sua graça e quem, por seu santo espírito, nos dá, a uns e outros, a força para proclamarmos diante do mundo e, publicamente, a Jesus Cristo como Deus e Senhor e único mediador entre Deus e os homens, para glória do único Deus, Pai, Filho e Espírito Santo”.

Se muitas coisas ainda nos separam, no plano da fé e do agir cristão, isso, longe de deixar-nos indiferentes ou, ainda pior, de fechar-nos em nós mesmos, deverá levar-nos, e de fato já nos leva, a procurar mais intensa e mais fielmente a união plena, através de conversações e encontros, através do diálogo sincero e leal, através do testemunho comum dado em favor do Senhor de todos e, sobretudo, através da oração constante. A semana da unidade, que de há alguns anos se tornou usual em nossas igrejas, é um momento inclusive de compartilhar esta oração. **Não foi em vão que disse o Senhor: “Onde se acham dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles”.**

Sabemos que, em muitos cristãos do Brasil, existe também esta consciência dos elementos de união já existentes e esta vontade ardente de chegar à união que ainda esperamos. Graças a isso foi possível estabelecer aqui, entre algumas igrejas e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, um projeto criando um Conselho Nacional das Igrejas com a finalidade de manter um quadro estável para o diálogo e a colaboração, sempre com o intuito de um incessante trabalho à procura da união entre os cristãos.

Congratulo-me por esta realização, que pode ser prelúdio de outras iniciativas na mesma direção. Podem, assim, os cristãos dar, juntos, um renovado testemunho de sua fé no Senhor e de sua comum esperança, enquanto se



esforçam também em comum, segundo a vocação específica dos discípulos de Cristo, para que as exigências dessa mesma fé, fonte de caridade e de justiça, se traduzam na vida concreta, particular e pública, de vossa nação.

Não posso, por isso, deixar de mencionar aqui o que se fez, no âmbito de colaboração entre cristãos, em favor dos direitos humanos e de sua plena vigência. E, ao dizer isto, refiro-me não só a certas e importantes iniciativas no plano da apresentação e fundamentação evangélica de tais direitos, mas também ao trabalho cotidiano, em tantos lugares e circunstâncias tão diversas, pela defesa e promoção de homens e mulheres, especialmente dos mais pobres e esquecidos, que a sociedade atual tende freqüentemente a abandonar a si próprio e a marginalizar, como se não existissem ou como se sua existência não contasse. “O caminho da Igreja é, na verdade, o homem”, como pretendi explicar em minha primeira encíclica **Redemptor Hominis** (nº 14). Desta forma, põem-se também em prática diversas orientações fundamentais do documento de

Puebla, recolhidas no capítulo sobre o diálogo e em outros textos.

Não desejo concluir este encontro fraternal sem recordar que, há poucos dias, celebrou-se o quarto centenário da publicação da assim chamada confissão de Augsburgo.

Conheço bem a importância deste texto para muitas comunidades eclesiais, nascidas da Reforma, e são para mim motivo de sincera satisfação o interesse e a ressonância que esta celebração encontrou na Igreja Católica. O Senhor faça que isto contribua ainda mais para aclarar os caminhos para a união, de que falávamos no começo. Caríssimos irmãos, nossa responsabilidade como cristãos é muito grande, diante de nosso comum Senhor, diante dos homens concretos, com os quais temos que tratar, e diante de nós mesmos. Não podemos ignorar nem, menos ainda, ser-lhe infiéis. Peçamos juntos a Nosso Senhor a graça de sermos, também nós, “testemunhas fiéis e verdadeiras”, para que o possamos ser plenamente, um dia, na união perfeita, à imagem da Trindade Divina, para sua glória.

PAPA QUER A IGREJA DOS POBRES, DA VERDADE E DA JUSTIÇA

João Paulo II reafirmou, em discurso na favela do Vidigal, que a Igreja "em todo o mundo quer ser a Igreja dos pobres". O Papa disse que "os pobres são mais misericordiosos". Acrescentou: "os corações abertos para Deus são, por isso mesmo, mais abertos para os homens. Estão prontos para ajudar prestativamente, prontos a participar o que têm".

FAIXAS PROIBIDAS NA VISITA DO PAPA

A Polícia Militar impediu que diversas pessoas entrassem no Estádio do Morumbi portando faixas que diziam: "O operário é um injustiçado pelos homens", "Segurança é o povo", "Temos fome e sede de justiça", "A terra é para quem trabalha". No entanto, alguns trabalhadores conseguiram burlar a vigilância policial e ingressaram no estádio com faixas que tinham as inscrições: "Pelo fim da lei de segurança nacional" e "Exigimos o fim da política salarial".

D. CLÁUDIO CONSEGUE UMA VITÓRIA

O pronunciamento de João Paulo II para os trabalhadores, no Estádio do Morumbi, reforçou, segundo o Prefeito Tito Costa, de São Bernardo do Campo, a posição assumida pelo Bispo diocesano de Santo André, D. Cláudio Hummes, durante a última greve dos metalúrgicos. O Papa encerrou de vez interpretações diferentes sobre a atuação do Bispo, que abriu as portas das Igrejas aos operários grevistas. O Prefeito acha que o Papa foi "bastante cauteloso" em sua fala, mas não deixou de "mostrar a verdadeira posição da Igreja, que é aquela que sempre esperamos: a de colocar-se ao lado dos humildes, dos mais fracos e oprimidos". O Prefeito lembrou que D. Cláudio vem realizando, na prática, a missão anunciada pelo Papa, que é a de abrir as portas das igrejas aos mais necessitados. Integrantes da diretoria deposta do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema comentavam o pronunciamento do Papa que "deu diretrizes seguras para que a Igreja se posicione, como um todo, ao lado das lutas do trabalhador", segundo Djalma de Souza Bom. Não escondendo que a expectativa dos líderes cassados era de que o Papa fosse mais direto em relação aos problemas do operário brasileiro, o Sr. Djalma Bom, que era tesoureiro do Sindicato, acrescentou: "Sabemos que a missão de D. Cláudio, D. Paulo Evaristo Arns, entre outros, encontra ainda resistência em setores da Igreja. Mas agora ficou claro, na voz do Papa, que o verdadeiro papel da Igreja é colocar-se nítida e abertamente ao lado dos trabalhadores".

WALDEMAR ROSSI FALOU AO PAPA SOBRE ASSASSINATO DE OPERÁRIOS

"Caríssimo pai: Os trabalhadores cristãos estão fortemente engajados nas lutas do movimento operário brasileiro. A Igreja no Brasil e, particularmente, em São Paulo, através de suas prioridades pastorais e, em especial, da Pastoral Operária, vem desenvolvendo intenso trabalho junto aos operários, abrindo espaços para que eles descubram amplamente sua realidade de vida. Queremos que os trabalhadores, dotados de aguda consciência crítica, estejam capacitados a assumir as responsabilidades que o momento histórico exige. Queremos que o trabalhador rompa a barreira imposta pelo sistema político que nos governa, saindo da passividade, se torne agente das transformações sociais. Nós buscamos uma nova ordem, onde o trabalhador usufrua do produto de seu trabalho e, mais que isso, decidida sobre os seus destinos. Como cristãos, procuramos descobrir, sempre mais, a vontade do Pai em nosso empenho de construir o Reino de Deus a partir da vida terrena e que alcança sua plenitude na vida eterna. Queremos, na grande batalha do dia-a-dia, nessa batalha, ser testemunhas vivas do Evangelho. Gostaríamos de lembrar que dois companheiros nossos perderam a vida na luta operária, Santo Dias da Silva e Raimundo, o "Gringo". Aguardando ansiosos suas orientações e sua bênção, esperamos também que seu esforço pastoral seja no sentido de que a Igreja Universal se irmane e se comprometa cada vez mais nesta caminhada do povo de Deus em direção ao Reino. O espírito de Deus o ilumine para sempre."

PAPA SABERÁ O QUE É "BÓIA-FRIA"

A Comissão de Justiça e Paz do Paraná mostrou ao Papa a situação dos bóias-friás, estimados atualmente, no Estado, em 800 mil pessoas. O documento entregue ao Papa mostra, entre outras coisas, uma pesquisa realizada entre 1 mil 59 bóias-friás, apontando que 58% deles tomam apenas café ou chá pela manhã; 28% alimentam-se com pão e café e 38,69% acrescentam farinha de mandioca à sua alimentação. O documento aborda também a situação de cerca de 400 mil agricultores brasileiros que vivem hoje no Paraguai e perto de 150 mil dos que estão na Argentina que, segundo a comissão, são vítimas frequentes de grileiros, jagunços e da própria polícia. Os bóias-friás acordam entre 3 e 4 horas da madrugada para conseguirem um lugar no caminhão que diariamente os conduz às fazendas (eles, de um modo geral, residem em favelas).

A IMPORTÂNCIA DE CRISTO É DESTAQUE NO ENCONTRO ECUMÉNICO

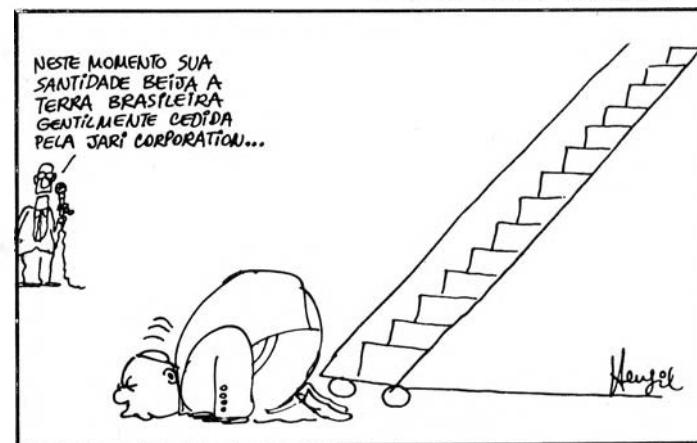
No mais importante pronunciamento que fez em Porto Alegre, durante o encontro ecumênico com representantes das igrejas cristãs, o Papa João Paulo II afirmou que "Jesus Cristo, como Deus e Senhor, é o único mediador entre Deus e os homens". O encontro ecumênico foi realizado na Catedral Metropolitana, logo após a bênção dada aos gaúchos na Praça da Matriz, e o Papa foi apresentado aos representantes das igrejas cristãs pelo bispo-auxiliar de Porto Alegre, D. Urbano Algayer. Estavam presentes todos os dirigentes, menos o da Igreja Evangélica Pentecostal do Brasil para Cristo, cujo presidente nacional, reverendo Olavo Nunes, por telegrama, excusou-se de comparecer. O Bispo Primaz da Igreja Anglicana do Brasil, D. Arthur Kratz, saudou o Papa em nome dos presentes. Salientou que "as igrejas cristãs, independentemente de suas tradições confessionais, são chamadas a testemunhar profético, corajoso e aberto na luta por justiça social e direitos humanos, fundamentais do povo brasileiro".

CNBB PEDIU ATENÇÃO AO DRAMA DOS POSSEIROS

Em documento distribuído a Regional Norte da CNBB chama a atenção do Papa "e de todo o mundo" para a situação dos camponeiros da Amazônia, "que são expulsos da terra que ocupam, presos, espancados por grileiros inescrupulosos e às vezes mortos". "Autodenominando-se peregrino" — prossegue o documento — "o Papa chega à Amazônia em condições de entender melhor o maior problema de sua gente, indissociável do drama vivido por uma parcela expressiva da população nacional. A da peregrinação de milhares de famílias de camponeses, que buscam encontrar o chão no qual possam descansar e construir sua vida".

PAPA APÓIA AÇÃO SOCIAL DOS BISPOS BRASILEIROS

O Papa João Paulo II elogiou os bispos brasileiros, por sua "imensa de pobreza e simplicidade, de devotamento pleno" e por sua ação social. "Posso dizer-vos que dou graças a Deus pelo vosso testemunho de pobreza e de presença no meio de vossa gente. Será ainda preciso encorajar-vos neste ponto? Faço-o de coração", completou.



PAPA E O SEQÜESTRO DE DALLARI

O Papa João Paulo II soube do atentado ao jurista Dalmo Dallari durante o almoço com o Cardeal D. Paulo Evaristo Arns, na quinta-feira, e pediu para vê-lo, mas ele não foi localizado até o final do dia. D. Paulo afirmou a João Paulo II que o jurista sofreu o atentado "em meu nome e em razão da visita do Papa a São Paulo". O Cardeal declarou que foi informado de que o Presidente da Comissão de Justiça e Paz, José Carlos Dias, "escapou por minutos de um atentado, na mesma noite. Expliquei ao Papa que esse era o segundo atentado que o professor Dalmo Dallari sofria por causa da gente. Com esse atentado foram atingidos a Igreja, o Papa e eu. Se eles quiseram atingir-me, conseguiram, porque passei a noite preocupado com o professor Dalmo".

HÁ UMA ESPERANÇA DE UNIÃO NA LUTA PELA SOBREVIVÊNCIA

"O Papa João Paulo II vai legitimar a luta dos povos indígenas em favor da autodeterminação; vai dar respaldo à luta indígena pela posse de suas terras; vai assumir a defesa das culturas indígenas e seus valores morais, espirituais e humanos; vai enfatizar a necessidade de que os povos tenham uma convivência fraterna, sem a relação exploradores-explorados; e, sem dúvida alguma, vai censurar a chamada civilização que não tem respeito às minorias étnicas, entre as quais ficam situados os povos indígenas". Essa perspectiva sobre os pronunciamentos que o Papa João Paulo II iria fazer em Manaus foi apresentada pelo padre Paulo Suess, secretário-geral do Cimi-Conselho Indigenista Missionário, órgão da CNBB.

NAÇÃO INDÍGENA DENUNCIA MASSACRE E ACUSA EMPRESAS

Em documento preparado para o encontro com o Papa, chefes indígenas de 18 nações denunciam uma série de atentados a seus direitos e clamam por justiça. O chefe da nação dos Miranda, Lino Pereira, foi escolhido para entregar o relatório: "Somos massacrados, explorados e estradas cortam nossas terras em prejuízo do índio, levando doenças e diversos problemas que não havia entre nós. Estamos sendo massacrados e acabados por projetos, empresas e invasores que roubam nossas vidas tomando nossas terras e nos expulsando delas sendo nós os donos legítimos dessa pequena e única porção de nosso imenso País e colocando ponto final em nossa cultura, em nossos direitos. Muitas vezes nossos irmãos são mortos por defender suas terras e tendo um tutelar que é a Fundação Nacional do Índio para demarcar as terras e ele não cumpre o dever, só fazendo promessas assim nossos direitos violados, desrespeitando o Estatuto do Índio. Achamos que nós devemos ser respeitados porque somos seres humanos. Somos também filhos de Deus e Vossa Santidade, sendo ministro da Igreja Católica, gostaríamos que soubesse que no país mais católico do mundo, o Brasil, vêm se sucedendo estes grandes problemas desde seu descobrimento e que agora está quase homologada a perda pelos índios de seus direitos".

PAPA DIZ QUE NOS ALAGADOS VIU PARTE DA MISÉRIA

Ao visitar a favela dos Alagados, em Salvador, o Papa João Paulo II presenciou um dos cenários mais pobres e miseráveis da cidade, formado nos últimos trinta anos sob palafitas e onde vivem atualmente cerca de cinco mil famílias. Logo após benzer a igreja de Nossa Senhora dos Alagados, o Papa afirmou que para cerca de 5 mil pessoas que o aplaudiam sob uma forte chuva que "teria um prazer especial em fazer esta visita a cada casa ou barraco, onde vivem famílias ou pessoas humildes, às vezes em dura pobreza. Não sendo possível fazê-lo, quero que a visita que agora lhes faço seja também um símbolo, como se entrando aqui eu estivesse penetrando em todos os bairros iguais a este".

COMUNIDADES DE BASE TEM VOTO DE CONFIANÇA PAPAL

O Papa João Paulo II apontou a "enorme importância que têm as Comunidades Eclesiais de Base na Pastoral da Igreja no Brasil", em documento entregue ao presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil em Fortaleza, antes ainda de viajar para Manaus.



JOÃO PAULO II PREGA IGREJA ATUANTE NA DEFESA DA DIGNIDADE DO HOMEM

Na homilia da missa que celebrou em Recife, o Papa João Paulo II, dirigindo-se aos trabalhadores rurais, afirmou que "a Igreja não quer omitir-se quando se trata de fazer que a vida humana se torne cada vez mais humana, e de conscientizar para que tudo aquilo que compõe esta mesma vida corresponda à verdadeira dignidade do homem".

"PAI NOSSO" — DIZ O PAPA NO PIAUÍ — "O POVO PASSA FOME"

Após rezar com o povo — cerca de 450 mil pessoas — o Pai Nossa, João Paulo II abriu os braços, olhou para o céu e disse: "Pai Nosso, o povo passa fome", lendo um grande cartaz aberto à sua frente pela comunidade do Parque Piauí, o bairro mais populoso e proletário de Teresina: foi o momento mais emocionante da hora e meia que o Papa passou na Capital piauiense.

IGREJA PODERÁ CONTINUAR COM APOIO A GREVES

Após a partida do Papa, o presidente da CNBB, D. Ivo Lorscheiter, disse aos jornalistas que "não haverá mudança de princípios ou de métodos na Igreja católica no Brasil, depois da visita do Papa. Vai haver mais ânimo, mais coragem, precisamente porque o Papa, final nos deu essa coragem, esse apoio e nos pediu que continuássemos fazendo uma pastoral integral que responda ao plano de Deus e àquilo que o Homem precisa concretamente. O Papa pediu que devíramos ser capazes de construir uma Igreja no Brasil, que seja significativa como peso no mundo. Nós tentaremos isso". Foi-lhe indagado: "A Igreja pode, por exemplo, apoiar uma greve no ABC após essa visita do Papa?" "A Igreja pode perfeitamente apoiar uma greve no ABC. Quando a greve é justa, a Igreja deve apoiar e também suas comunidades de base" — respondeu.

NA ÚLTIMA MISSA, PAPA IMPROVISOU A FAVOR DO ÍNDIO

O Papa João Paulo II em sua homilia lida em Manaus, durante missa campal, a última que realizou em sua visita ao Brasil, acrescentou um trecho, previamente, que não constava do original, referindo-se ao problema do índio, quando concretou os poderes públicos e outros responsáveis "em nome do Senhor, que aos índios, cujos antepassados foram os primeiros habitantes dessa terra, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade. Sem o temor, verdadeiro pesadelo de serem desalojados em benefício de outrem, mas, seguros de um espaço vital que será a base não somente para a sobrevivência, mas para a preservação de sua identidade como um povo". Ao fazer esse pronunciamento, o Papa foi bastante aplaudido com o povo gritando "João, João, o índio é nosso irmão", obrigando-o a parar a leitura da homilia por alguns minutos.

PAPA RECEBE AS "MADRES DE MAYO" E DIZ QUE FARÁ O POSSÍVEL POR DESAPARECIDOS

"Falei sobre o problema, falo e continuarei falando, e farei todo o possível em favor dos desaparecidos argentinos", afirmou o Papa João Paulo II, em audiência especial, fora do programa, concedida às 18 Madres de La Plaza de Mayo, mães de desaparecidos políticos argentinos que vieram representando cerca de 30 mil mães na mesma situação, naquele país.

PADRES FAZEM DENÚNCIAS SOBRE AMÉRICA LATINA

Ao chegar ao Brasil, o Papa João Paulo II recebeu uma carta em que mais de 1 mil 500 padres latino-americanos o advertiram, em linguagem não muito diplomática, que o envolvimento da Igreja na transformação da sociedade no continente era "imperativo" e "irreversível". Sem dar nomes, o grupo acusou facções conservadoras entre dirigentes da Igreja na América Latina de aprovar massacres realizados em nome do Cristianismo. Milhões de cristãos já tinham se unido à "luta de libertação" e muitos padres foram assassinados como resultado, diz a carta. "O povo latino-americano considera repulsivo que seus assassinos invoquem o Cristianismo para justificar seus assassinatos e que não poucos bispos e até núnios apostólicos sejam seus cúmplices, pelo menos em sua passividade".

CEDI

Centro Ecumênico de Documentação e Informação
Rua Cosme Velho, 98 fundos — Cosme Velho
Tel.: 205-5197
22241 Rio de Janeiro, RJ

Av. Higienópolis, 983
01238 São Paulo, SP

Falaram

Os discursos de João Paulo II em São Paulo e no Recife deveriam servir como um programa mínimo para as oposições brasileiras.

Maria da Conceição Tavares, economista.

A atuação da Igreja no Brasil foi muito confirmada pelo Papa.

D. Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo/SP.

Falar na miséria é triste. Vê-la é doloroso. Porém, viver nela é que são elas. E nós vivemos nela.

Mensagem de favelados cariocas ao Papa.

Ele não poderia dar um apoio mais concreto à atuação da Igreja no Brasil.

D. Hélder Câmara, arcebispo, Recife.

Pelo que tem dito em suas recentes manifestações em nosso País, até o papa João Paulo II poderia ser enquadrado na Lei de Segurança Nacional.

Pedro Simon, senador, PMDB/RS.

Tenho que comer umas palavras desagradáveis que escrevi sobre o Papa, e como-as logo.

Paulo Francis, jornalista.

Todos estaremos melhores quando o Papa estiver embarcando de volta a Roma.

José Sarnei, presidente nacional do PDS.

O Papa sentiu bastante as profundas distorções sociais existentes no Brasil.

D. Ivo Lorscheiter, presidente da CNBB.

O essencial é que melhore a situação do povo.

D. Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo/SP.

O Papa não hesitou em dar apoio objetivo às reivindicações políticas e sociais da oposição ao regime de Brasília.

"Il Giorno", jornal italiano.

Parece que no Brasil a Igreja recuperou a classe operária. Parece que o mundo operário está encontrando os seus melhores defensores entre os bispos.

"ABC", jornal espanhol.

Somos seres humanos, filhos de Deus, e não peças de reposição da indústria capitalista.

Valdemar Rossi, metalúrgico, na saudação ao Papa.

Cristo teria duras palavras a dizer aos chefes deste País. E o senhor, que os católicos dizem que é o representante de Cristo, o que dirá?

Da Mensagem dos Povos Indígenas ao Papa.

O Papa não pregou aos pobres paciência, ajustamento e submissão, mas sim liberação e que cada um seja o sujeito do seu próprio destino.

Leonardo Boff, teólogo, na SBPC.

A tese da reforma pela conciliação pode encontrar força em um continente onde a defasagem entre os ricos e pobres em vez de diminuir aumenta?

"Le Monde", vespertino parisiense, analisando a viagem do Papa.



O Papa falou

Bispos

A imagem que vós, bispos brasileiros, projetais em toda a Igreja e no mundo inteiro: (...) pobreza e simplicidade, de devotamento pleno, de proximidade ao vosso povo e plena inserção em sua vida e seus problemas (aos bispos, em Fortaleza).

Camponeses

Não podem ser negados, por nenhum pretexto, o direito de participação e comunhão (...) nas organizações destinadas a definir e salvaguardar os seus interesses e mesmo na árdua e perigosa caminhada rumo à indispensável transformação das estruturas da vida econômica (na missa em Recife).

Comunidades de Base

Tais comunidades constituem uma experiência atual na América Latina e sobretudo neste país. Ela há de ser acompanhada, assistida e aprofundada para dar os frutos por todos desejados, sem desviar-se para finalidades que lhe são heterogêneas (aos bispos, em Fortaleza).

CNBB

A Conferência (...) deverá esforçar-se continuamente para ser sempre mais fiel à sua missão. Tal fidelidade à sua vocação original, aos objetivos que a sabedoria da Igreja lhe aponta e aos caminhos que ela própria traçou, é condição de eficácia da sua ação (aos bispos, em Fortaleza).

Ecumenismo

Se muitas coisas nos separam (...), isso longe de deixar-nos indiferentes (...) deverá levar-nos (...) a procurar (...) a união plena, através de conversações e encontros (...) do diálogo sincero e leal (...) do testemunho comum (...) Não posso deixar de mencionar o que se fez (...) em favor dos direitos humanos e de sua plena vigência (aos protestantes, em Porto Alegre).

Os sem-terra

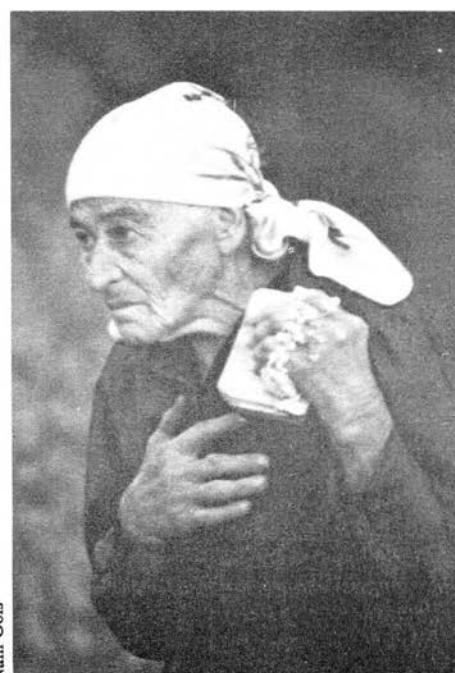
Não é pois admissível que no desenvolvimento geral de uma sociedade fiquem excluídos do verdadeiro progresso digno do homem precisamente os homens e as mulheres que vivem em zona rural, aqueles que estão prontos a tornar a terra produtiva graças ao trabalho de suas mãos e que têm necessidade da terra para alimentar a família (na missa em Recife).

Pastoral do Migrante

Uma ação pastoral concreta que empenhe todas as suas energias. As das igrejas dos pontos de partida, através de uma preparação adequada dos que se dispõem a migrar. As (...) dos lugares de chegada, que deverão sentir-se responsáveis pela acolhida. A Igreja não pode dispensar-se da denúncia das situações que constrangem muitos à emigração, como o fez em Puebla (abertura do Congresso Eucarístico, em Fortaleza).

Migrante

Arrancá-lo de seu torrão, empurrando-o para um exodo incerto na direção das grandes metrópoles, ou não assegurar os seus direitos à legítima posse da terra é desrespeitar os seus direitos de homem e de filho de Deus (na missa em Recife).



Pastoral Social

A Pastoral Social deverá ser autenticamente brasileira, mas nem por isso deixar de ser, ao mesmo tempo, universal. Ela deve responder à verdade integral a respeito do mundo contemporâneo, deve ter os olhos abertos para todas as injustiças e todas as violações dos direitos humanos, seja onde for, no domínio dos bens materiais como dos bens espirituais. Se faltar esta ótica fundamental, ela corre facilmente o risco de tornar-se objeto de manipulações unilaterais (aos bispos, em Fortaleza).

Posse da terra

O próprio direito de propriedade, em si mesmo legítimo, deve, numa visão cristã do mundo, cumprir a sua função e observar a sua finalidade social. (...) Isto é verdade também quando se fala do mundo rural e do cultivo da terra, pois a terra foi posta por Deus à disposição do homem (na missa em Recife).

Recursos naturais

Cultivai e guardai o vosso querido Brasil! Aproveitai e dominai esses recursos, fazei que eles rendam mais em favor do homem (...) deve-se pensar muito nas gerações futuras, deve-se pagar um tributo de austeridade para não debilitar, reduzir ou, pior ainda, tornar insuportáveis as condições de vida das futuras gerações (na missa em Recife).

Religiosidade popular

É a própria alma do povo que aflora (...) É preciso (...) não desprezá-la, não ridicularizá-la. É preciso cultivá-la (na missa em Salvador).

Empresários

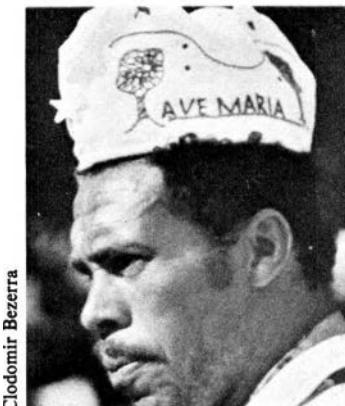
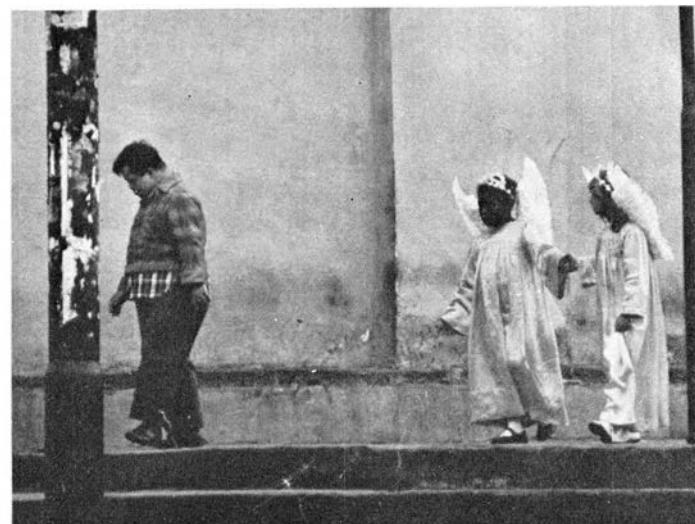
Não vos esqueçais de que todo homem tem direito ao trabalho, não só no meio urbano e nas grandes concentrações industriais, mas também no meio rural (aos "Construtores de uma Sociedade Pluralista", em Salvador).

Fé brasileira

Estarão os cristãos do Brasil preparados a enfrentar o choque provocado por esta passagem das velhas às novas estruturas econômicas e sociais? A sua fé estará em condições de permanecer inabalável? (na missa em Porto Alegre).

Função da Igreja

A Igreja não tem pretensão de intrometer-se na política, não aspira a participar na gestão dos assuntos temporais. A sua contribuição específica será a de fortalecer as bases espirituais e morais da sociedade (...) É, antes de tudo, um serviço de formação de consciências: proclamar a lei moral e suas exigências, denunciar os erros e os atentados à lei moral, à dignidade do homem (aos "Construtores de uma Sociedade Pluralista", em Salvador).



Clodomir Bezerra



Ricardo Chaves

O povo falou

"Rei, rei, rei, o papa é o nosso rei" (lançado em Belo Horizonte, repetido em todo o país)

"João, João, João, você é nosso irmão" (no estádio do Morumbi, encontro com os trabalhadores. João Paulo gostou)

"Apa, apa, apa, viva o nosso papa" (sugestão popular, em Porto Alegre)

"Ucho, ucho, ucho, o papa é gaúcho" (em Porto Alegre)

"O papa é humano, ele é curitibano" (em Curitiba)

"Uba, uba, uba, o papa é de Marituba" (na colônia Marituba, de hansenianos) O papa respondeu: "Ol, ol, ol, Marituba muito sol"

"Amo, amo, amo, o papa é baiano" (em Salvador)

"Viva o vaticano, o papa é pernambucano" (no Recife)

"Nobre, nobre, nobre, o papa é dos pobres" (em Salvador, improvisado pelos animadores)

"O papa nos pertence, o papa é piauiense" (em Teresina)

"Pá, pá, pá, o papa é do Pará" (em Belém)

"Ense, ense, ense, o papa é paraense" (em Belém)

"Pará, Pará, Pará, o papa aqui está" (em Belém)

"O Ceará é uma beleza, o papa está em Fortaleza" (no Ceará)

Índios

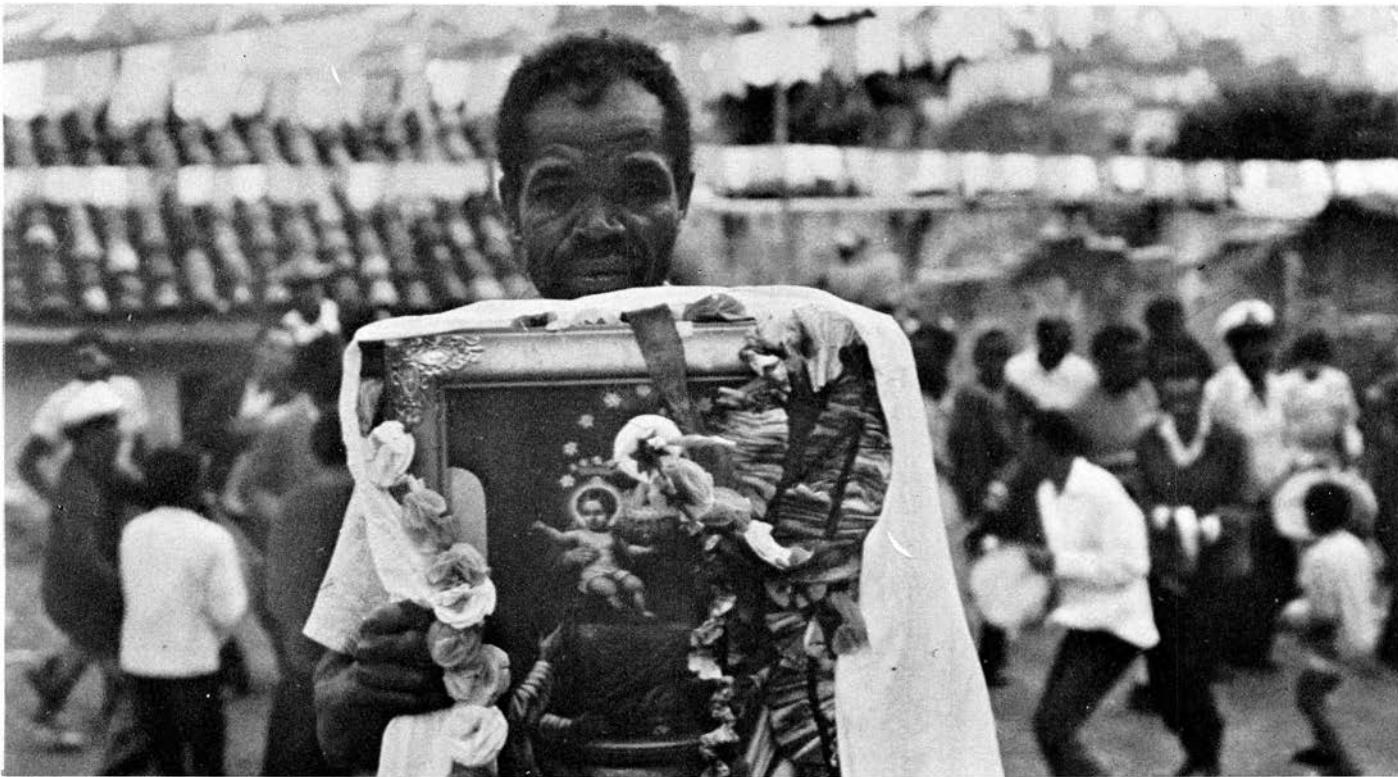
A Igreja vos dispensa profunda estima, por aquilo que sois e por aquilo que há em vós, como pessoas humanas. (...) Confio aos poderes públicos e outros responsáveis os votos que (...) faço (...): que a vocês, primeiros habitantes desta terra, seja reconhecido o direito de habitá-la na paz e na serenidade, sem o temor — verdadeiro pesadelo — de serem desalojados em benefício de outrem, mas seguros de um espaço vital, que será base não somente para a sua sobrevivência mas para a preservação de sua identidade como grupo humano (na catedral de Manaus).

Jornalistas

Não acorrenteis a alma das massas com o poder que tendes, filtrando as informações, promovendo exclusivamente a sociedade de abundância, acessível apenas a uma minoria. Fazei-vos, antes, os porta-vozes do homem, de suas legítimas exigências e de sua dignidade (aos “Construtores de uma Sociedade Pluralista”, em Salvador).

Modelos

Em sua doutrina social, a Igreja não propõe um modelo político ou econômico concreto, mas indica o caminho, apresenta princípios. E o faz em função de sua missão evangelizadora, em função da mensagem evangélica, que tem como objetivo o homem em sua dimensão escatológica, mas também no contexto concreto de sua dimensão histórica, contemporânea (aos “Construtores de uma Sociedade Pluralista”, em Salvador).



Bíblia Hoje *A COMUNIDADE DA ESPERANÇA*

Paulo usa uma figura de rara beleza e conteúdo simbólico para descrever a história de que participamos. “Sabemos”, diz ele, “que toda a criação gême a um só tempo e até agora tem estado em dores de parto. E não somente ela, mas também nós, que já provamos os primeiros frutos do Espírito, igualmente gememos em nosso íntimo, aguardando a adoção de filhos, a redenção de nosso corpo. Porque em esperança fomos salvos.” (Rm 8.22-24). Encontramos aqui o que poderíamos chamar uma **teologia** da história, ou seja, uma visão da história de que participamos, quando vista da perspectiva do passado da comunidade da fé. De acordo com o apóstolo, vivemos num mundo que foi engravidado pela atividade do Espírito Santo. No seu seio uma nova realidade está tomando forma ante os nossos olhos extasiados. Não se trata de um mundo estéril, seco, acabado, abandonado por Deus à sua própria sorte. Ao contrário: ele é a morada do Espírito que nele penetra para gerá-lo de novo. Como se, a cada momento, o milagre da criação se repetisse, e as forças do caos e da morte fossem conquistadas pela determinação divina: Haja vida.

Paulo indica que a experiência da fé implica em provar, antecipadamente, “os primeiros frutos” (8.23) as “primícias” deste futuro novo que está sendo gerado. Como se Deus nos permitisse sentir, no presente, o gosto bom do “aperitivo” deste amanhã. O que significa que a nossa razão descobre uma forma radicalmente diferente de experimentar o mundo: agora ela o vê sob a luz da “esperança” e, consequentemente o presente é apreendido em termos das exigências éticas que esta esperança contém (8.23).

É necessário notar que para o apóstolo a esperança é o tema central da sinfonia de gemidos que a criação, os homens e o próprio Deus entoam em uníssono. Gême a criação, gememos nós, gême o Espírito (8.26). Através do gemido universal articula-se o protesto divino e humano contra o mundo tal como ele é. Há lágrimas que precisam ser enxutas, feridas que precisam ser curadas, instrumentos de injustiça e opressão que devem ser quebrados para que o homem venha a usufruir a sua filiação divina, a “redenção do corpo”. Não é sofrimento nascido da angústia, como sugere uma tradução do texto. Angústia é dor sem esperança. Ao contrário, o sofrimento das dores de parto mistura-se com o sorriso que nasce da certeza de que algo novo está por nascer.

1. Esperança para a América Latina

É impressionante a semelhança entre a descrição de Paulo e o clima de esperança que nasceu em nosso Continente. Durante muitos anos a América Latina permaneceu silen-

ciosa. Muito embora os homens sofressem, sua dor não era dinamizada pela esperança: não se abria para o futuro, mas fechava-se no desespero. O índio, o negro, o branco, o mestiço se uniam no silêncio de sua dor, trabalhando nas minas, nas plantações de café, de cana-de-açúcar; enfrentando a agonia de uma vida sem futuro e de um futuro sem esperança de vida, devorados pela seca, pelas enfermidades, transformados em nômades; deixando os campos em que morriam para encontrar nas cidades novas formas de sofrimento; vendo morrer seus filhos na impotência de sua pobreza. Seu destino: nascer por acidente, viver nas fronteiras entre a vida e a morte e morrer no abandono. Teologicamente e bíblicamente em cada homem que sofria e morria, Cristo sofria e morria também (Mt 25.35-40).

Entretanto, no vale de ossos secos o Espírito soprou a vida (Ez 37). Nos homens dantes sem esperança brotou a determinação de viver. Começaram a caminhar, movidos pela visão das coisas invisíveis, pela esperança de que, no futuro, que ainda não existia, haveriam de poder criar uma “terra que mana leite e mel”, em que o jugo que sobre eles pesava seria destruído (Is 9.4), e na qual, juízo e justiça seriam estabelecidos para sempre (Is 9.7). Compreenderam existencialmente que o sofrimento não era da vontade de Deus. Ao contrário: o propósito divino era a “redenção de seu corpo” (8.23), a transformação das areias esbraseadas em lagos, e da terra sedenta em mananciais de águas (Is 35.7), a criação de um mundo de abundância para os humildes e famintos (Lc 1.52-53). A face deste homem se transfigurou. Se antes ele era como uma pedra inerte, agora a esperança e a determinação de viver o transformaram numa flecha que voa. E o presente, dantes sua prisão, passou a ser o arco que a atividade divina e a obediência humana entesam para arremessar a flecha.

Aquilo que Paulo descreveu de forma poética — o nascimento da esperança — passou a ser vivido existencialmente pela América Latina. Momento profundamente evangélico. Tratava-se de um **kairós**: momento em que a atividade divina se tornava profundamente intensa e as suas intenções especialmente claras.

2. A Comunidade da Esperança

a) Mas Deus não faz as coisas sozinho. Quando age, Ele chama os homens: “Segui-me”. É por isto que Paulo declara que “somos cooperadores com Deus” (1 Co 3.9). Esta é a razão por que o apóstolo, ao apontar para este mundo engravidado pelo Espírito, não o faz como observador, nem como indivíduo isolado. Através dele fala toda uma comunidade: sabemos, gememos, esperamos. Estas são palavras que brotam de dentro de uma participação vital em todo o

processo mesmo que é descrito. Sabemos, porque participamos. Gememos, porque participamos. Esperamos, porque participamos. É a participação naquilo que Deus faz que nos permite compreender o significado e a direção da atividade divina: “Se alguém quiser fazer a vontade dele, conhecerá a respeito da doutrina” (Jo 7.17). E é, nesta participação obediente nos atos de Deus para redimir a sua criação, que se constitui a sua comunidade. Assim, podemos dizer que dentre todos os grupos humanos a comunidade do Espírito é aquela cuja atividade é uma resposta à dinâmica de Deus para a transformação do mundo e do homem. Muito embora a nossa tentação seja a de definir a comunidade em termos do seu passado, de suas tradições, de suas idéias e doutrinas, Jesus declara expressamente: “Nem todo o que me diz: Senhor, Senhor! entrará no reino dos céus, mas aquele que faz a vontade de meu Pai...” (Mt 7.21). Os apóstolos João e Paulo afirmam a mesma coisa, ao indicar que não existe conhecimento de Deus — muito embora possa haver, doutrina correta! — quando não existe obediência, ou seja, amor (1 Jo 4.8; 1 Co 13.2).

Creamos ser necessário refletir um pouco mais sobre este assunto. E isto porque um dos hábitos mentais mais persistentes que temos é o de confundir as estruturas que aprendemos a denominar “igrejas” com a comunidade do Espírito. Este foi um vício teológico que, infelizmente, herdamos do Catolicismo medieval. “Quereis encontrar o Espírito?”, perguntava aquela igreja. “Buscai-me e o encontrareis, pois ele é a minha alma e eu sou o seu corpo.” Dentro desta teologia, a Igreja é a realidade primária, dada, localizada, nunca objeto de uma busca, mas antes uma presença permanente. Corremos, igualmente, o perigo de pensar que é dentro de nossas tradições teológicas e estruturas eclesiásticas que o Espírito deve ser encontrado. Lembremo-nos das palavras de Jesus, quando descreveu o Espírito como sendo como o vento (Jo 3.8). “Sopra onde quer, ouves a sua voz, mas não sabes donde vem nem para onde vai; assim é todo o que é nascido do Espírito.” Não é difícil compreender estas palavras em relação ao indivíduo. Elas indicam o caráter inexplicável da conversão. Mas qual será o seu sentido quando aplicadas à comunidade nascida do Espírito? Se o Espírito é como o vento — não podemos prendê-lo ou controlá-lo — a comunidade do Espírito é também assim. Não podemos aprisioná-la. Ela foge das estruturas onde nós pensamos conter e forma, então, novas estruturas a fim de expressar-se. Foi exatamente esta visão teológica que fez possível a Reforma Protestante. Os reformadores compreenderam que o Espírito não era prisioneiro de nenhuma instituição e que, ao contrário, agia livremente para criar o seu povo. Nenhuma estrutura tinha, assim, o poder para determinar os limites do Espírito ou para conter a sua vitalidade. Ao contrário, era o Espírito, em toda a sua liberdade, que criava uma comunidade de amor. O problema fundamental, então, é descobrir quais são as **marcas** do Espírito, porque serão elas que irão determinar as marcas da sua comunidade. **Onde está a comunidade do Espírito?** **A resposta: onde se manifestam os sinais da Sua atividade. Nas palavras de Jesus: “Pelos seus frutos os conhecereis”** (Mt 7.20).

b) A Reforma Protestante tomou forma como uma compreensão nova da comunidade. Se Deus não é lei, como pensava a teologia medieval, mas graça e amor, a sua atividade se expressava fundamentalmente na criação de uma realidade social na qual este amor tomava forma. A

comunidade do Espírito não pode, portanto, ser definida seja em termos legais, seja em termos intelectuais, seja em termos estruturais. É lógico que tais elementos têm um lugar. Mas lugar subordinado: apenas como **instrumentos** do amor. Cremos que tal perspectiva é profundamente evangélica. E isto porque os testemunhos bíblicos são unâimes em indicar que o Espírito se manifesta pela destruição daquilo que separava os homens, unindo-os numa comunidade de amor (Ef 2.13 ss.). “Deus é amor” (1 Jo 4.8), afirma João. Sua criação, portanto, é amor. Mas o amor só existe entre pessoas. Por isto criar o amor é o mesmo que criar comunidade, e criar comunidade é o mesmo que criar amor. Não existe comunidade anterior ao amor, como não existe amor fora da comunidade. Portanto, não estamos dizendo que Deus cria uma comunidade e que posteriormente lhe dê um mandamento de amor. Ao contrário: o amor é idêntico à vida da comunidade. Porque Deus é amor, a vida da comunidade é uma expressão histórica da graça divina. Esta é a razão porque o Novo Testamento a denomina “o Corpo de Cristo”. Onde dois ou três se encontram reunidos no nome de Cristo, ali está também a Presença daquele que é amor.

Para a Bíblia, as afirmações acerca do amor de Deus são derivadas da experiência de **eventos históricos portadores de amor**. Porque Deus **agiu** misericordiosa e salvadoramente para com o homem na história, podemos crer que Ele nos ama (Jo 3.16; 1 Jo 4.9). Amor existe sempre em ato. Temos de afirmar, como consequência, que o amor da comunidade só pode se expressar por meio de atos. Daí a advertência de João: “Filhinhos, não amemos de língua, mas de fato e de verdade” (1 Jo 3.18). O amor não existe à parte do “Vai e faze” (Lc 10.37). Não se trata de reduzir o Evangelho a uma simples dimensão social ou a um programa social. E isto porque o Deus Bíblico **está presente** nos homens que são o objeto do seu amor. Como Lutero sugeriu, o próximo é o lugar onde Cristo se apresenta, escondido, a nós (cf. Mt 25.40 e 45). **Amar ao próximo e servi-lo se identificam, portanto, com amar a Deus e servi-lo** (1 Jo 4.12; Lc 10.25-31). Notar na parábola do Samaritano que Jesus contrasta os que tinham uma preocupação direta com o serviço divino (sacerdote e levita) com o “hereje”. Confronte-se também Amós (5.23-25), onde o profeta indica que Deus é servido não por um serviço direto, mas através do serviço ao próximo: “Antes corra o juízo como as águas, e a justiça como ribeiro perene.” O corpo de Cristo ou seja, a comunidade na sua dimensão de transcendência, existe na medida em que os membros se amam, se perdoam, se aceitam, se ajudam.

c) O amor, entretanto, não se fecha dentro do círculo comunitário. Ele ama todas as coisas que sua bondade criou. O que as mãos de Deus criaram só pode ser, original e escatologicamente, “muito bom” (Gn 1.31). A presença do ódio e da injustiça na criação não implicam no fim do amor de Deus. Ao contrário: Ele permanece amando, mesmo quando não amamos. E esta é a fonte da nossa esperança. Porque sabemos que Ele ama todas as coisas, sabemos que sua atividade tem por propósito reunir “todas as coisas em Cristo” (Ef 11.10). A comunidade, como expressão e instrumento do amor de Deus, não existe, consequentemente, a não ser na sua participação nos sofrimentos de Cristo, nos gemidos do Espírito, na atividade transformadora de Deus para tornar o Reino presente. Sua vida é uma expressão dinâmica da súplica: “Seja feita a tua vontade



na terra como é feita nos céus". Para sermos consistentes com a afirmação de que o amor é o próprio **ser** da comunidade, e não um mandamento que lhe é acrescentado "a posteriori", temos de tornar claro que não estamos dizendo simplesmente que "a Igreja **deve** participar na atividade divina pela transformação do mundo." Como se existisse a realidade eclesial fora da participação nesta dinâmica! Dejamos, simplesmente, indicar que é exatamente onde há uma comunidade de amor, comprometida com Deus naquilo que Ele está fazendo para nos dar "um futuro e uma esperança" que a comunidade do Espírito se encontra.

d) A Bíblia se refere freqüentemente ao permanente conflito entre a vontade de Deus e a vontade do homem. Uma de suas perspectivas antropológicas descreve o homem como um ser em revolta, incapaz de amar, obcecado pelo amor a si mesmo e pelo desejo de dominar: o homem como pecador. Deus e o homem se relacionam como duas vontades inimigas e irreconciliadas. Relação de conflito. Por outro lado, entretanto, ela indica que o Espírito está engajado na tarefa de criar um novo homem (Jo 3.7), com uma vontade nova (Jr 31.33-34), homem em harmonia com os propósitos divinos. O que marca, segundo a Bíblia, esta transição do homem velho para o homem novo é uma **radical transformação de todas as estruturas mentais** que determinam o relacionamento do homem com o seu próximo, com o seu mundo, consigo mesmo e, consequentemente, com Deus. Esta crise de transição é denominada **metanoia**: mudança de mente, arrependimento. Transformação total que significa não apenas um novo amor como também (como consequência deste) uma nova maneira de ver, de pensar, de analisar, de agir. Este é o homem "em Cristo" a que Paulo se refere, ou seja, aquele cuja vontade nova se harmoniza com os propósitos de Deus de criar uma comunidade de amor e de transfigurar o mundo. Mas este homem, como já

indicamos atrás, é exatamente aquele que forma a comunidade do Espírito. A reconciliação da vontade humana com a vontade divina se expressa assim numa realidade social. Deus, como Senhor, vai à frente. A comunidade, como aquela que crê, toma o risco da obediência e se engaja no mesmo conflito em que o seu Senhor está comprometido: conflito com as forças do egoísmo que desejam preservar o mundo tal como ele é e impedir o advento do Reino.

e) Isto significa, ao mesmo tempo, que aquelas comunidades que se encontram nas mesmas fronteiras de obediência se descobrem como reconciliadas entre si. Nada as separa. São expressões do único corpo de Cristo.

Note-se que esta é uma unidade voltada para o futuro, isto é, em função de um engajamento comum nas lutas de Deus por um mundo transformado. Destroem-se as ilusões da unidade em função de nossas tradições e concordâncias verbais. E caem por terra também as divisões com base em nossos conflitos passados e nossas tradições intelectuais. Toma forma, natural e necessariamente, a unidade que nasce sem esforços e sem negociações, da simples participação nas lutas de Deus no mundo.

É dentro desta perspectiva que encaramos a extraordinária renovação por que está passando a Igreja Católica Romana. É evidente que não podemos ser românticos e pensar que se trata de uma renovação uniforme e profunda em toda a Igreja. Mas isto, de forma alguma, diminui a promessa que os primeiros frutos já oferecem e a esperança que em nós criam. Se nem um vale de ossos secos pode resistir ao sopro vivificante do Espírito de Deus (Ez 37), quanto mais uma comunidade de cristãos que buscam a sua orientação. Dentro de uma perspectiva profundamente Protestante temos de nos regozijar diante do fato de que o Espírito — que não é posse nossa — continua a sua operação, pois Ele tem

poder até de vivificar os mortos e chamar à existência as cousas que não existem (Rm 4.17).

Por isto mesmo consideramos o ceticismo e a reserva reincidentes em certos círculos protestantes, frente à renovação da Igreja Católica, como profundamente contrária à nossa tradição teológica e bíblica. Parece-nos que tal atitude contém, em primeiro lugar, uma negação da afirmação protestante da liberdade do Espírito de Deus para agir e criar onde bem lhe apraz. E com tal falta de fé vai a presunção de que Ele se tornou monopólio nosso. Por outro lado, esta dúvida implica numa negação da própria esperança da ressurreição. A esperança da ressurreição se baseia na fé de que o Espírito “vivifica os mortos e chama à existência as cousas que não existem” (Rm 4.17). Se não cremos que o Espírito está renovando a Igreja Católica, apesar das inúmeras evidências, não podemos ter a esperança de ressurreição dos mortos.

f) Sugerimos atrás que reconciliação com Deus significa participação nas suas lutas. Ou seja, irreconciliação com todas aquelas forças culturais, sociais, econômicas, políticas, eclesiásticas, em resumo, com todos os “poderes deste mundo” que estão comprometidos com a preservação das **formas de pecado que se transformaram em instituições**. Que significa isto: formas de pecado que se tornaram em instituições? Deus é amor. Pecado é tudo aquilo que é contrário ao amor. Nas palavras de Agostinho: o amor de si mesmo. Ou seja, o desejo de dominar, de controlar, de usar o próximo. O desejo de poder e domínio se transforma em instituições que o servem e perpetuam. **Reconciliação com Cristo é, concomitantemente, conflito com as forças do Anti-Cristo, com os poderes que desejam abordar o futuro e a esperança que o Espírito está criando**. Como muito bem entendeu Agostinho, a história humana é um conflito entre duas realidades de caráter político: a caridade de Deus, dominada pelo amor a Deus, e a cidade dos homens, impulsionada pelo amor a si mesma e pela sua determinação de destruir o bem universal a fim de preservar vantagens de caráter privado.

g) Tal perspectiva teológica, bíblica determina uma visão definida da tarefa missionária. Missão é cooperar com Deus naquilo que Ele está fazendo: a Igreja não pode fazer nada mais, nada menos e nada diferente. E o que Deus faz hoje é uma continuação dos mesmos propósitos revelados na Bíblia: exaltar os humildes, encher de bens os famintos (Lc 1.51-53), anunciar as boas-novas do advento do Reino aos pobres, proclamar libertação aos cativeiros, restauração de vista aos cegos, libertar os oprimidos pela injustiça e anunciar o ano aceitável do Senhor (Lc 4.18-19). O ano aceitável do Senhor se refere ao ano do jubileu, agora transformado numa instituição da História messiânica universal: o ano em que todas as dívidas eram perdoadas, os escravos libertados, as terras devolvidas aos seus legítimos donos; em que todas as estruturas de dominação eram despedaçadas e um futuro totalmente novo era colocado diante dos homens. **Missão portanto, significa participar no processo pelo qual Deus faz novas todas as coisas**.

h) A participação na mesma missão do Messias significa que a comunidade participará também da sua sorte. “Se me perseguiram a mim também perseguirão a vós outros” (Jo 15.20). A perseguição vem justamente dos poderes mais

fortemente estabelecidos e reconhecidos da sociedade: Jesus foi crucificado pelos poderes religiosos e políticos, que falavam em nome de Deus e da ordem. Perseguição inevitável. E isto porque as palavras Deus e Ordem (lei) escondem, freqüentemente, o homem do pecado disfarçado. Ele coloca sobre si o manto da religião e a cobertura da lei para justificar a sua vontade de poder e domínio. E quando isto acontece, não podemos ter ilusões: o Messias e os seus seguidores serão enviados à cruz.

i) Esta é a razão porque os fenômenos **religião e igreja** são bastante ambíguos. A sua história nos revela que, com uma freqüência que não desejamos reconhecer, o **poder do amor** se transforma em **amor ao poder**. E quando isto acontece, ela se torna diabólica. A Bíblia se refere freqüentemente a esta transformação. A sua escolha de palavras para descrever esta metamorfose é uma evidência muito clara da seriedade com que o escritor encarava a questão. Por vezes o texto sugere que aquela comunidade que fora a “virgem” ou a “esposa” se transformem em “prostituta”. Noutras passagens a comunidade é comparada a uma videira que fora plantada de boas sementes, mas que só dava uvas bravas. A comunidade que fora criada para o amor e a bondade esquece-se disto. Passa a ser dominada pela lei, pela rigidez e autoritarismo. O seu respeito pelos ricos e poderosos toma o lugar do seu compromisso com o sofrimento dos pobres e oprimidos. De criadora de um mundo novo passa a ser preservadora do velho. Organismo vivo que se transforma em “sepulcro caído”. Antes, voltada para o mundo e sua transformação, agora, incapaz de fertilizá-lo e dedicada à autopreservação. Esta é a temática do permanente conflito no Velho Testamento entre sacerdotes e profetas, e no Novo Testamento entre lei e graça. No fim da corrupção da comunidade ainda permanecem todas as formas de piedade: o templo, as assembleias solenes, o ruído das celebrações (Am 5.21-23). Na realidade eles têm agora uma importância muito maior que dantes. Mas nada mais são que ídolos: máscaras que encobrem o **amor ao poder** na sua forma religiosa.

A questão crucial é se levamos a sério a Bíblia, se estamos dispostos a ver-nos, sob a luz da Palavra de Deus. Nem sempre é agradável contemplar-nos tais como somos. Preferimos que os profetas sonhem segundo os nossos desejos (Jr 29.8), que proclamem “paz, paz, quando não há paz” (Jr 6.14). A dura realidade dos fatos pode ser dolorosa. Mas, de que nos serve proclamar que estamos “ricos e abastados e de nada temos falta”, quando a realidade é que somos “pobres, cegos e nus” (Ap 3.17)? Ver com clareza e realismo é uma das prioridades do momento (Ap 3.18), pois somente então compreenderemos onde estamos. Poderemos então — mas só então — levantar a outra pergunta: Para onde ir e o que fazer?

Olhamos a Bíblia e ali encontramos a imagem da comunidade do Espírito: amor, comprometimento com a transformação do mundo, voltada para o futuro, reconciliada com os homens que caminham na mesma direção, pronta a tomar os riscos da obediência e do conflito com os poderes do Anti-Cristo. E olhamos para nós mesmos, que pensamos ser a Igreja de Deus no Continente Latino-americano, onde Deus está sofrendo e morrendo com todos os que são perseguidos por causa da justiça. Descobrimos então o que realmente somos. E desta descoberta devem surgir as decisões acerca do que fazer.

Última Página

*De irmão para irmão,
de poeta para poeta*



Antônio Augusto Fontes

João Paulo, Pedro apenas

*João Paulo,
Pedro apenas.*

*Congrega-nos na Pedra rejeitada
pedras nuas ao sol.
Confirma teus irmãos
na liberdade
do Vento,
Pescador.*

*Confirma nossa fé
com teu amor.*

*Dá-nos a escuta da Profecia
e a Encíclica do assobio do Pastor.*

*O Tribunal dos Pobres
julga nossa Missão.*

*A Boa Nova
hoje como sempre
é de Libertação.*

*O Espírito
desceu sobre a multidão.*

*A Cúria está em Belém
e no Calvário
a Basílica Maior*

*É hora de gritar com toda nossa vida
que está vivo o Senhor.*

*É hora de enfrentar o novo Império
com a púrpura antiga da Paixão.*

*É hora de amar até a morte
dando a prova maior.*

*É hora de cumprir o Testamento
forçando a Oicumene, a Comunhão,
João Paulo
Pedro apenas.*

*D. Pedro Casaldáliga,
bispo de S. Félix do Araguaia.*